



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

**FACULDADE DE LETRAS**

**CONSTRUÇÕES HIPOTÁTICAS INTRODUZIDAS POR “VISTO QUE”, “DADO  
QUE” E “POSTO QUE” NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA ANÁLISE  
BASEADA NO USO**

Juliana Barboza do Nascimento

Rio de Janeiro

2022

**CONSTRUÇÕES HIPOTÁTICAS INTRODUZIDAS POR “VISTO QUE”, “DADO QUE” E “POSTO QUE” NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA ANÁLISE BASEADA NO USO**

JULIANA BARBOZA DO NASCIMENTO

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras na habilitação Português / Italiano.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Maria Maura da Conceição Cezario

Coorientador: Prof. Dr. Dennis da Silva Castanheira

Leitor(a) crítico(a): Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Bruna das Graças Soares

Rio de Janeiro

2022

**CONSTRUÇÕES HIPOTÁTICAS INTRODUZIDAS POR “VISTO QUE”, “DADO QUE” E “POSTO QUE” NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA ANÁLISE BASEADA NO USO**

JULIANA BARBOZA DO NASCIMENTO

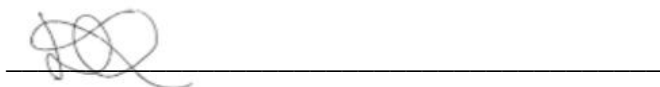
Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras na habilitação Português / Italiano.

Data de aprovação: 11/03/2022

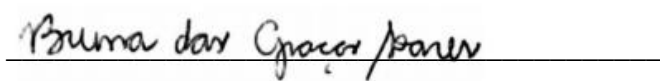
Banca Examinadora:

  
\_\_\_\_\_

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Maura da Conceição Cezario

  
\_\_\_\_\_

Prof. Dr. Dennis da Silva Castanheira

  
\_\_\_\_\_

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Bruna das Graças Soares

## CIP - Catalogação na Publicação

N244c Nascimento, Juliana Barboza do  
Construções hipotáticas introduzidas por "visto que", "dado que" e "posto que" no português brasileiro: uma análise baseada no uso / Juliana Barboza do Nascimento. -- Rio de Janeiro, 2022.  
58 f.

Orientadora: Maria Maura da Conceição Cezario.  
Coorientador: Dennis da Silva Castanheira .  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade  
de Letras, Licenciado em Letras: Português -  
Italiano, 2022.

1. Linguística. 2. Gramática de Construções. 3.  
Orações hipotáticas. 4. Linguística Funcional  
Centrada no Uso. I. Cezario, Maria Maura da  
Conceição , orient. II. Castanheira , Dennis da  
Silva, coorient. III. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

## AGRADECIMENTOS

“Quando acordei hoje de manhã, eu sabia quem eu era, mas acho que já mudei muitas vezes desde então”. Toda vez que me deparo com esta frase, pertencente a um dos grandes clássicos da literatura, percebo como Lewis Carroll produziu essa sequência de palavras que me descreve tão bem. Eu mudei de percurso por tantas vezes que, sempre quando falo sobre minha trajetória e como cheguei até aqui, digo que não fiz uma escolha e sim que fui escolhida. A licenciatura nunca foi minha primeira opção quando eu pensava em qual carreira eu seguiria no futuro, mas, ainda assim, é algo que sempre esteve a espreita em minha vida. Apaixonada por literatura e sempre registrando cada pequeno pedaço meu em palavras soltas, dizer que nunca passou pela minha cabeça seria mentir. Sendo assim, sou mais do que grata por ter recebido os incentivos certos para percorrer essa jornada e estou mais do que feliz por encerrar este capítulo no livro da minha vida.

Primeiro, meus agradecimentos se destinam a Deus, que sempre esteve ao meu lado, ainda que minha fé tenha esmorecido por diversas vezes. Agradeço por ter me trazido paz, conforto e acolhimento mesmo nos momentos mais sombrios e por ter me concedido força e discernimento para trilhar esse caminho da graduação e em todos os outros momentos da minha existência.

Em segundo, agradeço ao meu principal porto seguro: meus pais. Sem o apoio, o carinho e o cuidado de vocês nada disso teria sido possível. Ainda lembro da nossa conversa na escada, quando eu finalmente disse que tinha passado para a UFRJ. Lembro de cada palavra dita naquele dia e a confiança e orgulho que vocês demonstraram por mim. Agradeço por terem sido pais extremamente presentes na minha vida. Por todas às vezes que ouviram minhas apresentações, mesmo não tendo ideia do que eu estava falando. Por todos os momentos que vocês permitiram que eu falasse sobre o que eu amava fazer. Por todos os livros comprados. Por permitirem que, no auge dos meus 18 anos, eu saísse de casa e fosse morar sozinha, apenas para que meu conforto e minhas horas de sono fossem mantidas. Agradeço por cada conselho, cada afago em momentos que eu só queria desistir e por terem me apoiado em todas as decisões da minha vida acadêmica sem nem mesmo pestanejar. Essa conquista definitivamente também é de vocês! Também dedico esse parágrafo aos demais membros da minha família: meus avós, aos meus tios, ao meu primo e também às minhas duas cachorrinhas. Obrigada por terem me apoiado tanto em todos esses anos da minha vida e, ainda que alguns de vocês não estejam aqui presentes, saibam que eu os levo todos os dias no meu coração. Sempre penso o quanto eu fui

privilegiada por ter passado nem que seja alguns anos na presença de vocês. Sou muito grata de fazer parte dessa família. Eu amo vocês demais!

O próximo parágrafo eu dedico aos meus amigos, também conhecidos como minha lucidez enquanto tudo o que existia era caos. Começo agradecendo aos meus dois melhores amigos desse mundo: Grazielle e Nicolas. Eu sinceramente não sei o que seria da minha vida sem o amor e carinho de vocês. Obrigada por fazerem parte da minha vida, por serem o colo que eu preciso quando tudo dá errado e por serem os primeiros a vibrarem com cada conquista minha. Vocês não me completam, vocês me fazem transbordar! E é claro que esses agradecimentos se estendem ao resto da minha rede de proteção, que me faz sentir segura e amada como ninguém. Agradeço também a você Carol, que está comigo desde que somos duas pirralhas de 6 anos. Você é a melhor amiga que eu poderia pedir e obrigada por me aturar em todas as fases da minha vida e por nunca ter desistido de mim. Agradeço também a dois serezzinhos muito especiais na minha vida, Thais e Lidiane, que eu conheci praticamente no mesmo momento e têm uma significância enorme na minha vida. Vocês acreditam mais em mim do que eu mesma, sério! E, por fim, agradeço à Ariana e ao Hugo que, apesarem de ter chegado a menos tempo que os demais, já alugaram um triplex no meu coração. Vocês fazem meu dia mais leve e mais divertido, além de serem os maiores fãs que eu poderia ter. Eu amo muito todos vocês!

Agradeço também a todos aqueles que cruzaram meu caminho e, de alguma maneira, contribuíram para minha formação. Sendo assim, começo agradecendo a minha primeira professora, Maria, que foi a responsável pela minha alfabetização e que até hoje eu nutro um carinho imenso. Você despertou em mim a paixão pelas letras e eu não poderia ser mais grata. Também agradeço a quem deixou ainda mais latente a minha paixão por literatura, a minha professora do ensino médio, Janaína. Suas aulas incríveis foram a primeira fagulha que colocou o curso de Letras como uma das minhas opções, há tantos anos atrás. Agradeço também aos meus colegas de classe da UFRJ, não apenas àqueles que junto a mim formavam a extinta LEQ, mas por todos aqueles que fizeram disciplinas comigo e me cumprimentavam pelos corredores; aos professores da graduação, sobretudo àqueles dos Departamentos de Linguística, Vernáculos e Italiano, que abriram minha mente e meu coração para descobrir aquilo que eu verdadeiramente amava; e, por último, mas não menos importante, a todos os integrantes do Grupo Discurso & Gramática, que me proporcionaram incríveis momentos de troca não apenas intelectual, mas de vida. Obrigada por todo o apoio, por todos os *feedbacks* para que esta

pesquisa aqui existisse, pelas festas e disputas acirradas nos rouba-rouba e por todas as conversas descontraídas que compartilhamos.

Faço um agradecimento especial também a duas pessoas, sem as quais esta monografia simplesmente não existiria. Primeiro, a minha querida orientadora, Maria Maura Cezario. Ainda lembro do primeiro dia de aula, ainda no meu primeiro período da faculdade, em que a palavra Linguística simplesmente foi jogada, pela primeira vez em minha vida, em meu colo. Eu nunca tinha ouvido falar que era possível fazer ciência com linguagem, mas não demorou muito para que eu me apaixonasse por essa área e eu não poderia ter escolhido uma melhor orientadora para isso. Maura, eu te agradeço imensamente por todos esses anos que partilhamos juntas e por toda a paciência, confiança e compreensão que você sempre demonstrou comigo. Obrigada por ter me aceitado como uma de suas orientandas, por todo o aprendizado e conhecimento que você me forneceu (e ainda fornece) e espero que nossa parceria se estenda por muitos anos. Saiba que você é uma inspiração para mim e se um dia eu for pelo menos um terço da cientista que você é, estarei muito mais do que satisfeita.

Em segundo, devo agradecer ao meu anjo da guarda, Dennis Castanheira. Se eu dissesse que um dia eu teria um nível de conexão com alguém em tão pouco tempo, porque foram necessários pouquíssimos encontros para que você se tornasse parte essencial da minha vida, eu não acreditaria. Eu não ganhei apenas um orientador, eu ganhei um amigo. Dennis, eu não sou capaz de expressar o quanto eu sou orgulhosamente privilegiada por te ter como meu orientador. Só posso te agradecer imensamente por tudo o que você fez e faz por mim, por toda a compreensão, carinho, amor e confiança que temos um no outro. Obrigada por ser uma das minhas âncoras e por ouvir todos os meus desabafos e temores, além de ter participado de diversos momentos icônicos e divertidos da minha vida. Eu te amo muito e espero que você sempre continue comigo ao infinito e além!

Não podendo ser diferente, passo meus agradecimentos ao meu Virgílio, a minha guia e companhia nesse inferno-purgatório-paraíso que pode ser a graduação. “Beatriz” é aquela que porta a alegria e posso entender porque Dante era tão devoto a sua própria *Beatrice*. Você realmente me trouxe tanta alegria que faltam palavras para te agradecer por tudo o que compartilhamos juntas até aqui. Obrigada por todas às vezes que foi minha dupla em trabalhos e provas, pelos passeios, pela viagem (ainda no singular, mas vamos mudar isso), pelas conversas jogadas fora e por todos os momentos que partilhamos pelos corredores e salas daquela faculdade e que hoje eu sinto tanta falta. Te agradeço por todo o apoio, carinho e força

que você me deu durante esses anos. Eu não sei quem eu seria na minha vida acadêmica se não fosse você. Então, se existe alma gêmea acadêmica, definitivamente você é a minha. Obrigada por ser minha outra metade, por ser minha parceira e por ser minha amiga. Você tornou essa jornada muito mais fácil, leve e divertida. Essas palavras aqui são poucas para dimensionar o tamanho da importância que você tem nesse percurso e na minha vida.

Ainda preciso expressar meus mais sinceros agradecimentos a pessoa que mais me serve de inspiração, minha antiga chefe e professora, minha atual sócia e minha eterna *sensei*. Sara, eu nem lembro em qual exato momento você entrou na minha vida. Em um dia você era apenas a monitora da disciplina em italiano, no outro você já era uma das minhas pessoas favoritas no mundo. Foi tão natural que hoje não consigo conceber uma realidade minha da qual você não faça parte. Eu sempre penso que “Quando eu crescer, eu quero ser que nem a Sara!”. Eu só posso agradecer imensamente por toda a confiança que você depositou em mim durante todos esses anos. Você me auxiliou, me alçou e me amparou em diversos momentos da minha vida. Me deu diversas oportunidades de ser, além de uma profissional melhor, um ser humano melhor. Obrigada por todos os incentivos, todos os *feedbacks*, por ter ouvido todos os podcasts que te mando, por buscar me entender e me dar broncas quando eu preciso, por ser minha amiga e minha parceira de vida. Mesmo se juntar todos os adjetivos adverbiais de intensidade da tua pesquisa, ainda assim eles não serão capazes de expressar o quão essencial você é para mim!

Por fim, agradeço a todos aqueles que de alguma maneira contribuíram para que eu chegasse até aqui. Mantenho o pensamento de que é a educação que liberta, que transforma e que traz esperança. As possibilidades são tamanhas e o sonho de contribuir para o crescimento e busca pelo conhecimento é o que me move, sendo assim, este aqui é apenas o primeiro passo de tudo o que eu pretendo construir.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS</b> .....	16
<b>2. REVISÃO DA LITERATURA</b> .....	20
<b>3. METODOLOGIA</b> .....	25
3.1. Fatores de Análise.....	25
<b>4. ANÁLISE E RESULTADOS</b> .....	26
4.1. Valor Semântico, Ordenação e Estrutura Informacional .....	26
4.1.1. Valor Semântico das Orações Hipotáticas .....	26
4.1.2. Ordenação das Orações Hipotáticas .....	29
4.1.3. Valor Semântico X Ordenação.....	31
4.1.4. Pressuposição .....	34
4.1.5. Pressuposição X Ordenação .....	36
4.2. Integração Entre Orações .....	39
4.2.1. Simultaneidade Temporal .....	39
4.2.2. Codificação Formal do Sujeito.....	41
4.2.3. Correferencialidade de Sujeitos .....	44
4.3. Frequência de Tipo e de Ocorrência dos Itens Verbais das Orações Hipotáticas.....	45
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	49
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	56

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Valor semântico das orações hipotáticas .....	28
Tabela 2 – Ordenação das orações hipotáticas .....	30
Tabela 3 – Cruzamento entre valor-semântico e ordenação das três orações hipotáticas .....	34
Tabela 4 – Pressuposição das orações hipotáticas .....	35
Tabela 5 – Cruzamento ordenação e pressuposição das orações hipotáticas .....	38
Tabela 6 – Simultaneidade temporal entre as orações hipotáticas e suas matrizes .....	40
Tabela 7 – Codificação formal do sujeito das orações hipotáticas .....	43
Tabela 8 – Correferencialidade entre os sujeitos das orações hipotáticas e suas matrizes .....	45
Tabela 9 – Frequência type-token dos itens verbais das orações hipotáticas .....	46
Tabela 10 – Comparação entre os usos de [visto que] <sub>or.</sub> , [dado que] <sub>or.</sub> e [posto que] <sub>or.</sub> .....	49

## **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1 – Cruzamento entre valor-semântico e ordenação com orações introduzidas por “visto que” .....	31
Gráfico 2 – Cruzamento entre valor-semântico e ordenação com orações introduzidas por “dado que” .....	32
Gráfico 3 – Cruzamento entre valor-semântico e ordenação com orações introduzidas por “posto que” .....	33
Gráfico 4 – Cruzamento entre pressuposição e ordenação com orações introduzidas por “visto que” .....	36
Gráfico 5 – Cruzamento entre pressuposição e ordenação com orações introduzidas por “dado que” .....	37
Gráfico 6 – Cruzamento entre pressuposição e ordenação com orações introduzidas por “posto que” .....	38

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 – Rede esquemática das orações (X) que .....	13
Figura 2 – O continuum entre as orações concessivas, condicionais e causais.....	21
Figura 3 – Relação entre valor semântico e ordenação .....	24
Figura 4 – Frequência type dos itens verbais das orações hipotáticas.....	48

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 – Processos de combinação de orações .....	22
---	----

## INTRODUÇÃO

Esta monografia tem como objetivo analisar o uso das orações hipotáticas introduzidas pelos conectivos “visto que”, “dado que” e “posto que” no português brasileiro, buscando mapear suas semelhanças e diferenças, sob a ótica da Linguística Funcional Centrada no Uso (cf. BARLOW; KEMMER, 2000; BYBEE, 2010; CEZARIO; FURTADO, 2013; DIESEL, 2015; GOLDBERG, 2006; HILPERT, 2014; TRAUGOTT, 2008). Essa abordagem combina os pressupostos do Funcionalismo Norte-americano e a Linguística Cognitiva, tendo interesse no estudo da língua com base nas funções que desempenha nas diversas atividades discursivas do cotidiano social.

Se tratando de um estudo de construções, se torna relevante mencionar alguns princípios fundamentais que regem os estudos construcionistas (cf. BYBEE, 2010; GOLDBERG, 1995; 2006; HILPERT, 2014; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). São eles: (I) a língua é um sistema de pareamentos forma-sentido convencionalizados e relacionados entre si, abarcando de itens lexicais a construções sintagmáticas; (II) as estruturas das línguas emergem a partir do uso linguístico; (III) a língua é uma grande rede de nós e ligações entre nós; (IV) o conhecimento da língua é um inventário de construções; (V) os processos cognitivos de domínio geral regem a cognição humana, sendo responsáveis pela linguagem e por outras áreas da cognição.

De acordo com Cezario, Santos Silva e Santos (2015), as construções em estudo estão inseridas em um esquema abstrato, codificado como  $[(X) \text{ que}] S V C]_{\text{Or.Hipotática}}$ . Nesse, o *slot X* pode ser preenchido por unidades linguísticas como “visto”, “toda vez” e “ainda”, realizando as microconstruções “visto que”, “toda vez que” e “ainda que”. Enquanto isso, o *slot S* se refere ao possível sujeito, o *V* ao verbo e o *C* ao possível argumento ou complemento.

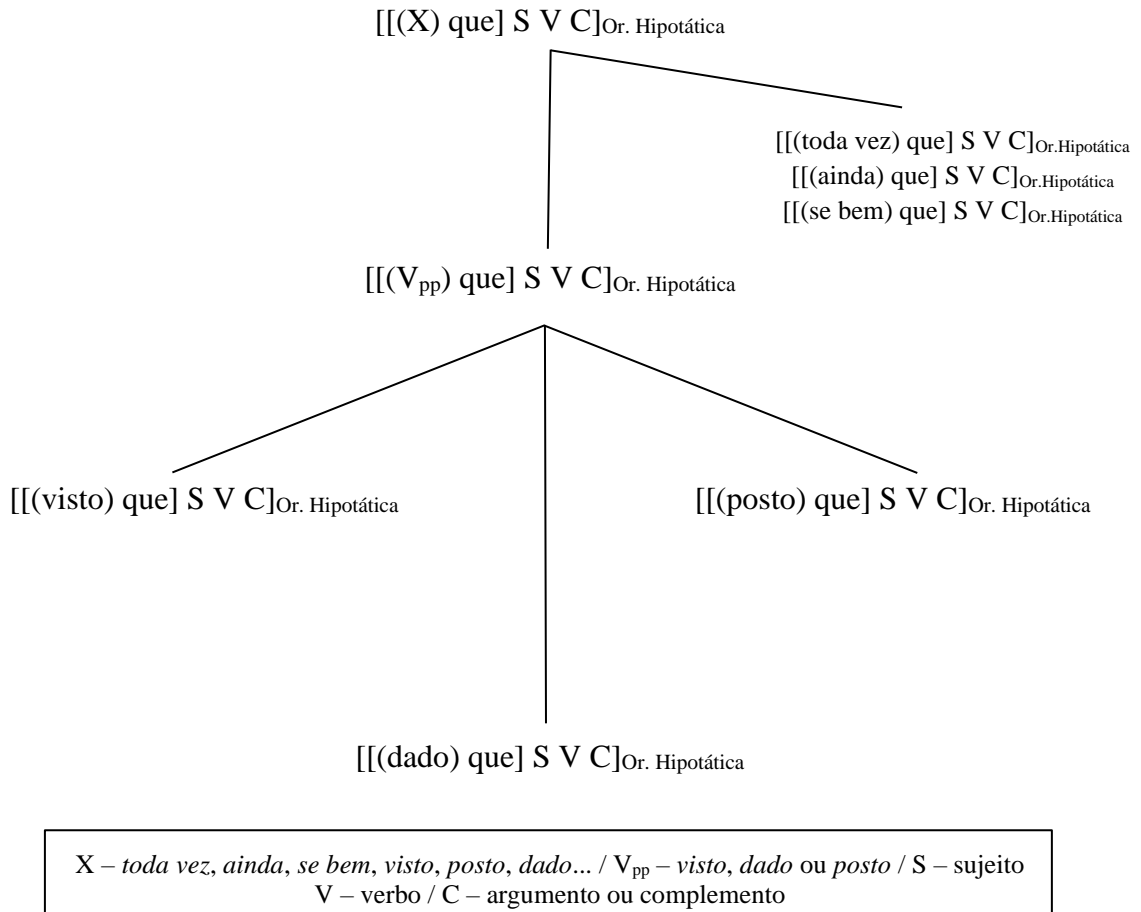
Para além disso, defendemos que existe um subesquema para essas construções:  $[(V_{pp}) \text{ que}] S V C]_{\text{Or.Hipotática}}$ , em que o *slot V<sub>pp</sub>* pode ser preenchido por um verbo na forma de particípio passado, como “visto”, “dado” e “posto”, dando origem às microconstruções “visto que”, “dado que” e “posto que”, que introduzem as orações estudadas nesta pesquisa<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Entretanto, é importante destacar que essa codificação de subesquema foi escolhida apenas como forma de agrupar esses três conectivos, já que a sequência  $[V_{pp} \text{ que}]$  teria já sofrido um processo de *chunking*, e, a partir disso, o *slot [V<sub>pp</sub>]* não é mais percebido pelo falante como um espaço disponível para se alocar verbos particípios passados, já essas construções seriam entendidas como um único bloco.

Estas relações podem ser observadas na figura abaixo:

**Figura 1 – Rede esquemática das orações (X) que**



Fonte: elaboração própria

Ainda é importante destacar que nossa pesquisa se pauta no estudo de toda a construção, sendo assim, levamos em consideração cada elemento do esquema [[(V<sub>pp</sub>) que] S V C]. Porém, ao longo deste relato, também utilizaremos o termo “microconstrução” para se referir individualmente às três microconstruções investigadas nesta pesquisa: [[(visto) que] S V C], [[(dado) que] S V C] e [[(postado) que] S V C].

Metodologicamente, unimos as perspectivas tanto qualitativa e quantitativa, valendo-se de fatores de ordem estrutural e semântico-pragmática. Os dados, retirados do site *Corpus* do Português<sup>2</sup>, se apresentam na modalidade escrita, são oriundos da variante brasileira e foram produzidos entre os anos de 2013 e 2014. Para esta pesquisa, foram quantificados 150 dados para cada construção, totalizando, assim, uma amostra de 450 dados.

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org>

A seguir, alguns exemplos que ilustram os usos dessas microconstruções são:

- (1) “**Visto que as mulheres são apaixonadas por bijuterias** nada mais justo do que propor a elas uma compra mais simples através da internet.” (*Corpus do Português*)
- (2) Uma vez já escrevi que não sei o que é avaliar arte, **dado que é muito pessoal e subjetivo.** (*Corpus do Português*)
- (3) Gostaria de ter uma resposta firme à minha indagação, **posto que a legenda é dúbia.** (*Corpus do Português*)

Ressaltamos ainda que este trabalho está inserido no projeto Formação da Construção [XQUE]<sub>CONNECT</sub> no Português, coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Maura Cezario, em que se investiga e se analisa a formação histórica dessa construção, focalizando seus usos sintáticos, semânticos e pragmáticos. Alguns exemplos deste tipo de construção são: *dado que, só que, se bem que, toda vez que e ainda que.*

É importante destacar que as construções em foco neste trabalho exprimem relações circunstanciais, mais especificamente de causa, condição e/ou concessão. Com base nos estudos de Neves (1999), é possível dizer que, semanticamente, esses três valores possuem estreitas relações, visto que tanto as construções concessivas quanto as causais e condicionais expressam, de alguma forma, uma conexão causal, que pode ser negada, hipotetizada ou afirmada, assim como apresentam uma conexão condicional, já que são explicáveis em dependência de satisfação de necessidade (ou de suficiência) de determinadas circunstâncias.

Pontuamos como objetivos para esta pesquisa descrever e analisar as propriedades formais e semântico-pragmáticas de cada uma das microconstruções. Para isso, definimos os seguintes objetivos específicos: (a) analisar as orações semanticamente a partir da classificação feita por Neves (1999), descrevendo as relações instauradas por cada uma das microconstruções; (b) observar as preferências colocacionais de cada microconstrução, considerando a ordem das orações hipotáticas em relação às orações matrizes; (c) observar a informatividade das orações hipotáticas, mapeando se tais construções veiculam informações pressupostas pragmaticamente, ou não; (d) tendo como base os estudos de Diessel (2013) e Neves (1999), analisar a relação entre vínculo semântico, ordem e pressuposição das orações hipotáticas; (e) medir o grau de integração entre as orações hipotáticas e suas matrizes, identificando suas preferências sintáticas; e (f) analisar a produtividade, a partir da proposta de

Bybee (2010), verificando a frequência de itens verbais que aparecem com cada microconstrução.

Tendo como base o Princípio da Não-Sinonímia de Goldberg (1995), postulamos a seguinte hipótese geral: apesar de se inserirem em contextos semelhantes, essas microconstruções apresentam especificidades estruturais e semântico-pragmáticas, visto que é defendido que, se há diferenças na forma, existe, em algum grau, uma função comunicativa diferente, já que, segundo esse princípio, não existem formas distintas que instanciem significados iguais.

Dessa forma, nas próximas seções, apresentaremos as nossas análises e os resultados sobre o estudo dessas orações hipotáticas, com a seguinte estrutura: a seção 1 apresenta os pressupostos teóricos relevantes para este estudo; a seção 2 trata da revisão da literatura realizada para este trabalho; na seção 3, explicitaremos os passos envolvidos no trabalho e as características do *corpus* usado; a seção 4 detalha a análise qualitativa e quantitativa efetuada; e, por fim, nas últimas seções, serão apresentadas nossas considerações finais e as referências bibliográficas.

## 1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Nossa pesquisa é baseada no referencial teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), uma abordagem que postula a existência de uma estreita relação entre a estrutura da linguagem e o seu uso nos ambientes reais de comunicação (cf. BYBEE, 2010; CEZARIO; FURTADO DA CUNHA, 2013; DIESSEL, 2015). Essa visão não se limita apenas aos aspectos formais da língua, sendo também consideradas, em sua análise, questões pragmáticas, semânticas e cognitivas. Dessa forma, a LFCU combina os pressupostos da Linguística Funcional norte-americana e da Linguística Cognitiva.

De acordo com a abordagem funcionalista norte-americana, existe uma conexão entre gramática e discurso, com interação e influência mútuas. Desse modo, a gramática é entendida como uma estrutura que muda e se adapta constantemente em função das transformações que ocorrem no discurso (cf. GIVÓN, 1995). Sendo assim, essa corrente linguística tem a concepção da língua como um mecanismo para fins comunicativos, que, como tal, não pode ser analisado como um objeto independente, mas que funciona a partir de uma estrutura maleável. Portanto, de acordo com essa visão, não há separação intransponível entre os dois aspectos da linguagem: língua e fala.

Já a Linguística Cognitiva trata o conhecimento da linguagem como um reflexo das habilidades cognitivas de cada indivíduo, como a capacidade de categorizar, compreender e usar metáforas e metonímias, além de aspectos relacionados ao processamento linguístico e à experiência humana e, portanto, às atividades culturais pessoais e sociais. Ademais, integra-se o conceito de Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995; 2006), que é uma idealização de um arquimodelo genérico, caracterizado pela hipótese de que o conhecimento linguístico tem a forma de uma rede de unidades simbólicas (PINHEIRO, 2016).

Conforme a abordagem funcional-cognitiva, a cognição é materializada na interação e reflete o funcionamento de nossos pensamentos como indivíduos, concretizando formas únicas de expressão individual e refletindo o fato de estarmos em um ambiente social e cultural. Dessa forma, a partir da nossa experiência e interação, moldamos e somos moldados, o que faz com que soframos alterações desse ambiente sociocultural ao mesmo tempo que o alteramos. Portanto, os eventos de uso orientam a formação e o funcionamento do sistema linguístico do falante, ao mesmo tempo que o falante contribui para a manutenção e possíveis variações e mudanças do sistema linguístico pertencente a uma comunidade.



Dessa maneira, o falante produz impacto (ao realizar reanálises, analogias e/ou quaisquer outros processos que implicam alterações e/ou extensões no emprego de expressões linguísticas) não apenas em seu próprio sistema linguístico, mas também nos sistemas de outros falantes. Sendo assim, “o sistema tem um caráter eminentemente dinâmico ou emergente, já que nasce da adaptação das habilidades cognitivas humanas a eventos de comunicação específicos e se desenvolve a partir da repetição ou ritualização desses eventos” (MARTELOTTA, 2011, pg. 57).

Além disso, Bybee (2010) reitera que a linguagem é um fenômeno que exhibe estrutura aparente e regularidade de padrões e mostra, ao mesmo tempo, uma considerável variação em todos os níveis. Sendo assim, apesar de estar em constante mudança, a língua possui certa regularidade nesse método e o sistema linguístico do falante é estruturado a partir de processos cognitivos.

Na perspectiva da LFCU, as expressões linguísticas, desde as mais simples até as mais complexas, constituem unidades simbólicas baseadas em pareamentos entre forma e significado, chamadas de construções. Esses pareamentos são vistos como esquemas simbólicos, a partir dos quais se instanciam os componentes da gramática. De acordo com Goldberg (1995, 2006), uma construção compreende desde um morfema simples (como o -s que denota flexão de número) até um esquema mais complexo, como a construção investigada nesta pesquisa, codificada como  $[(V_{pp}) \text{ que}] S V C$ .

Nessa perspectiva, a gramática é entendida como uma rede constituída de construções que se organiza na mente do falante de maneira hierárquica, na qual integram-se propriedades fonológicas, morfossintáticas, semânticas e pragmáticas. Dessa forma, tal rede é vista como um conjunto de nós (pareamentos de forma-função) que estão conectados, constituindo, dessa forma, *links* de herança. A rede considerada nesta pesquisa e seus graus de hierarquia podem ser observados na Figura 1, presente na Introdução.

Outro interessante aspecto da teoria funcionalista que permeia nossa pesquisa são os cinco processos cognitivos básicos do domínio geral que moldam a estrutura e o conhecimento da linguagem, postulados por Bybee (2010), dentre eles: (a) categorização - a capacidade de identificar um elemento com um determinado conjunto por semelhança, é de domínio geral porque vários tipos de categorias, não apenas linguísticas, são criadas a partir da experiência; (b) *chunking* - é o processo pelo qual sequências de itens frequentemente utilizados juntos são

armazenadas na cognição e acessadas como uma única unidade complexa; (c) analogia - processo pelo qual novos enunciados são criados com base em experiências discursivas anteriores; (d) memória rica - aspecto relacionado ao armazenamento de detalhes da experiência (particularidades fonéticas, contextos de uso, significado e inferências); e, por fim, (e) associação trans-modal - processo que se relaciona com o fato de que experiências co-ocorrentes tendem a ser cognitivamente associadas, fornecendo um *link* entre forma e significado.

Para mais, nossa pesquisa, como dito anteriormente, foi guiada em torno do princípio da não-sinonímia, postulado por Goldberg (1995) e que instância que não existem formas diferentes que tenham significados iguais; portanto, se existem mudanças na forma, a intenção comunicativa é diferente. Dessa forma, uma construção iniciada por “visto que” atingiria propósitos comunicativos específicos, não alcançados pelas construções iniciadas por “posto que” e “dado que”. Portanto, mesmo que essas construções sejam semelhantes, tanto em sua forma quanto pragmaticamente, elas devem apresentar especificidades que as tornam únicas.

Um pressuposto teórico também considerado foi a informatividade (ANTONIO, 2004; GIVÓN, 1990; HALLIDAY, 1985; CHAFE, 1984; PRINCE, 1981), que diz respeito ao conteúdo informacional que os interlocutores compartilham ou supõem compartilhar no momento da interação verbal (FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2015). Esse conceito se relaciona à estruturação do pensamento e, portanto, se encontra paralelo no nível do discurso, em que o pensamento é formalizado linguisticamente e efetivado contextualmente.

Com base em Prince (1981, 1992), os referentes podem ser classificados como: novos, velhos (dados ou evocados) e inferíveis. Uma entidade é classificada como nova se for introduzida no discurso pela primeira vez, enquanto o conceito de velho nos remete ao elemento situacionalmente acessível ou que já aparecera anteriormente no discurso, sendo, portanto, uma informação velha para o ouvinte / leitor, que é tida como pressuposta. Já um referente inferível trata-se de um que não fora mencionado no discurso, mas é identificado pelo interlocutor por meio de um processo de inferência a partir de outras informações dadas.

Em nossa pesquisa, entretanto, analisamos não apenas a informatividade dos referentes, mas de toda a oração hipotática. Dessa forma, nos apropriamos de um viés binário em que classificamos as informações presentes nas orações hipotáticas como pressupostas ou

não-pressupostas, e considerando apenas as informações expressas linguisticamente nos textos investigados, conforme Diessel (2013) e Lambrecht (1994).

Outro aspecto também considerado nesta pesquisa é o grau de integração entre as orações hipotáticas e as suas orações matrizes (ou principais). Nos termos de Givón (1979), a maior integração semântica ou pragmática acarreta também maior integração sintática. Com a finalidade de investigar o grau de gramaticalização, verificamos também o grau de integração entre as orações hipotáticas e suas matrizes. Acredita-se que quanto maior a integração da oração hipotática à matriz, maior o grau de gramaticalização.

Sendo assim, ao medir o grau de integração entre as orações, tem-se o objetivo de verificar se, à semelhança dos processos morfológicos, as estratégias sintáticas exibem graus diferenciados de gramaticalização que podem ser apreendidos por propriedades formais. Dessa forma, a dependência e o encaixamento das orações seriam medidos a partir de alguns fatores: a correferencialidade de sujeitos das orações, a codificação formal do sujeito da oração hipotática, a simultaneidade temporal dos eventos das orações e a expressão do mesmo modo verbal.

Outro fator importante para nossa pesquisa é a frequência de uso. Por um lado, os enunciados reais que são recorrentemente ativados na gramática e efetivados no discurso se tornam rotinas discursivas. Essa repetição acaba moldando a língua e implica em efeitos sobre suas unidades. Por outro lado, os enunciados também podem conter estruturas inovadoras, que surgem de intenções comunicativas de um falante individual ou de ressignificações de estruturas já existentes. Sendo assim, a frequência de uso é um importante fator que pode tanto conservar formas linguísticas existentes quanto trazer inovações.

Nesse sentido, Bybee (2003) apresenta dois métodos para analisar a frequência de uma determinada construção: a frequência *type* e a frequência *token*. A frequência *type* (frequência de tipo) diz respeito a um padrão específico que pode ser observado identificando diferentes itens lexicais com os quais uma determinada construção pode ser usada, e a frequência *token* (frequência de ocorrência), isto é, o número de ocorrências do item ao longo do discurso analisado.

## 2. REVISÃO DA LITERATURA

Partindo da ideia de que algumas conjunções poderiam apresentar valores semânticos não previstos pela tradição, fomentado pelo trabalho de Rodrigues (2018), foi realizada uma revisão da abordagem das gramáticas tradicionais em língua portuguesa, buscando observar como elas apresentam as orações subordinadas adverbiais e as conjunções que as introduzem e que foram destacadas nesta pesquisa.

As gramáticas de Bechara (2009), Rocha Lima (1985) e de Cunha e Cintra (2008), utilizadas para esta revisão, apresentam visões que se assemelham, já que os três autores apontam que os três conectivos em estudo são introdutórios de orações adverbiais, classificando “visto que” como uma conjunção subordinativa causal, “posto que” como uma conjunção subordinativa concessiva e “dado que” como uma conjunção subordinativa condicional.

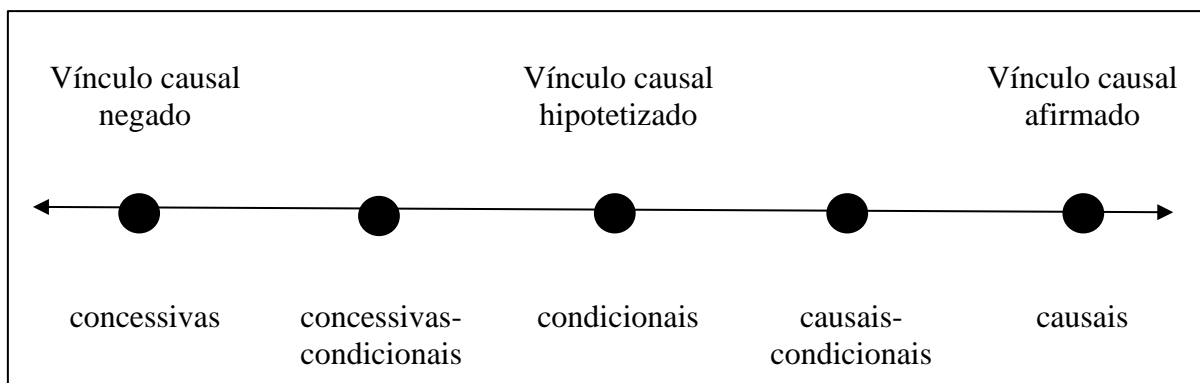
Além desses trabalhos, também foi consultada a gramática descritiva de Neves (1999), na qual são apresentadas as mesmas classificações supracitadas em relação à “visto que” e “posto que”; contudo, o conector “dado que” é classificado pela autora como uma conjunção adverbial causal, diferindo-se, portanto, das demais gramáticas consultadas.

A partir disso, torna-se relevante destacar a relação existente entre causa, condição e concessão. De acordo com Neves (1999), tanto as construções concessivas quanto as causais e condicionais expressam, de alguma forma, uma conexão “causal” em sentido mais amplo, assim como apresentam uma conexão condicional, já que são explicáveis em dependência de satisfação de necessidade (ou de suficiência) de determinadas condições.

Podemos dizer que, semanticamente, as relações concessivas, causais e condicionais se situam da seguinte forma: em um polo, caracterizado pela causalidade, há a relação de causa entre a hipotática e a matriz sendo afirmada; em um espaço intermediário, tido como das condicionais, há a relação de causa entre as duas orações sem ser afirmada ou negada; no outro polo, das concessivas, há o vínculo causal entre as orações.

Essas relações podem ser observadas na seguinte figura:

**Figura 2 – O continuum entre as orações concessivas, condicionais e causais**



Fonte: Neves (1999)

A partir dessa perspectiva, os valores semânticos não seriam tão engessados quanto a tradição gramatical indica. Fatores internos à língua, assim como os contextos em que ela é utilizada, estão fortemente atrelados ao significado que as construções apresentam. Isso exemplifica como as línguas humanas são mutáveis e estão sujeitas à variação, além de caracterizar uma forma mais dinâmica de tratar as questões gramaticais, não enquadrando tais conectivos em classificações não flexíveis, mas demonstrando que, a depender de fatores estruturais e discursivos, o valor semântico de uma determinada construção linguística pode se modificar.

Ademais, um dos pilares da abordagem funcionalista é o estudo da articulação de orações. Na visão funcionalista, as orações não podem ser divididas de forma estanque e dicotômica a partir dos processos de coordenação e subordinação e, por isso, são analisadas por meio de um *continuum*. Para isso, Hopper e Traugott (1993), ao estabelecerem graus de integração entre as orações na perspectiva da gramaticalização, concebem que há três processos de combinação de orações: a parataxe, a hipotaxe e a subordinação.

Nessa nova perspectiva, a parataxe, de acordo com os autores, possui uma relação de independência relativa entre os núcleos que compõem o complexo oracional; sendo assim, o vínculo entre as orações depende apenas do sentido e da relevância da relação entre elas. Em outras palavras, a parataxe abrange tanto a justaposição quanto a coordenação.

Enquanto isso, a hipotaxe compreende dependência entre um núcleo e margens, mas não encaixamento da margem em um constituinte do núcleo, isto é, abarca orações em que há um núcleo e uma ou mais margens apresentam dependência relativa, não estando totalmente

incluídas em nenhum constituinte da oração núcleo, completando, assim, a estrutura argumental do verbo. Nesse caso, a hipotaxe abrange aquelas orações que envolvem algum tipo de relação circunstancial, como condição, razão, propósito, tempo, espaço, maneira, meio, como as adverbiais e as adjetivas explicativas.

Já a subordinação envolve dependência completa entre núcleo e margem(ns) e, portanto, encaixamento de toda a margem em um constituinte do núcleo (RODRIGUES, 2018). As orações denominadas subordinadas ou encaixadas, nesse caso, são aquelas que são partes constituintes de outras, tais como as substantivas e as adjetivas restritivas.

Podemos observar as principais diferenças entre esses processos na tabela a seguir:

**Quadro 1 – Processos de combinação de orações**

<b>parataxe</b>	– dependência semântica	– encaixamento
<b>hipotaxe</b>	+ dependência semântica	– encaixamento
<b>subordinação</b>	+ dependência semântica	+ encaixamento

Fonte: Hopper e Traugott (1993)

Diante dessa descrição, depreende-se que a chamada “subordinação adverbial”, na verdade, constitui, para esses autores, um caso de hipotaxe circunstancial ou de realce, visto que, nesse caso, não há encaixamento de uma cláusula em outra, como na subordinação substantiva e adjetiva, mas uma combinação hipotática de realce, em que uma cláusula amplia outra circunstancialmente.

Sendo assim, ao contrário do que ocorre no encaixamento, em que uma oração está integrada estruturalmente e sintaticamente em outra, a articulação entre oração hipotática e sua principal não está sujeita à integração sintática e se relaciona com o aspecto organizacional do discurso. Portanto, as orações hipotáticas investigadas neste trabalho podem modificar ou expandir, de alguma forma, a informação contida na outra oração, estabelecendo, dessa forma, uma relação circunstancial.

Os estudos de Diessel (2013) também se mostram relevantes para essa pesquisa, visto que o autor observa a variação estrutural das orações adverbiais levando em conta suas características semânticas, sintáticas e pragmáticas, considerando que as características morfossintáticas das orações adverbiais variam de acordo com sua posição e função, e que diferentes tipos semânticos de orações adverbiais podem ter diferentes propriedades estruturais.

Um recurso que distingue orações adverbiais de orações não-subordinadas é seu arranjo linear (cf. Haspelmath, 1995), que aqui será tratado pelo termo ordem. Enquanto orações coordenadas e sentenças paratáticas geralmente estão ligadas à sentença anterior, as orações adverbiais (ou hipotáticas) podem ocorrer tanto antes quanto depois da oração principal. Dessa forma, a ordem das orações principais e adverbiais está intimamente relacionada à sua função pragmática.

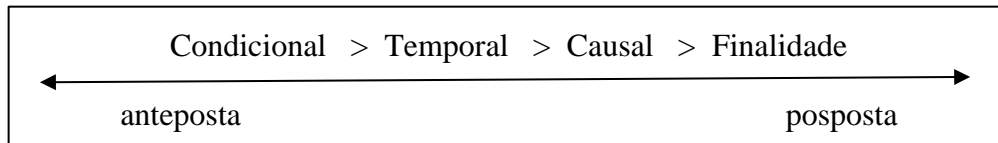
Em seu uso básico, as orações adverbiais antepostas têm a função de apresentar informações que são pragmaticamente pressupostas, fornecendo uma base temática para novas informações afirmadas em orações subsequentes. No entanto, se a oração adverbial seguir a oração principal, ela só poderá ser adicionada à estrutura anterior após a conclusão da oração principal. Sendo assim, frases complexas com orações adverbiais pospostas podem ser planejadas e processadas sucessivamente, isto é, uma oração de cada vez, sugerindo que as orações adverbiais pospostas são potencialmente mais independentes da oração principal do que as orações adverbiais que a precedem.

Isso estaria ligado ao fenômeno linguístico da pressuposição, que é composto por uma parte externalizada e explícita, cujo conteúdo semântico é aquilo que efetivamente se declara, e por uma outra parte interiorizada e implícita, cujo conteúdo semântico, não é objeto direto de declaração e de comprometimento do falante, mas algo dado como uma espécie de conhecimento dado, partilhado pelos participantes do ato comunicativo. Atrelado a esse conceito, de modo geral, acredita-se que orações hipotáticas que apresentam informações novas tendem a ocorrer após as orações matrizes, instanciando orações focais, enquanto aquelas que são anteriores às orações matrizes, normalmente, contêm uma informação já fornecida ou conhecida pelo interlocutor.

Diessel (2013) une a ordenação a outro fator importante e considerado nessa pesquisa: o valor semântico das construções. As orações adverbiais são comumente divididas em vários subtipos semânticos que expressam relações temporais, condicionais, causais, finais e outras.

Na visão do autor, o vínculo semântico entre orações principais e adverbiais se correlaciona com sua ordenação (cf. DIESSEL, 2001). Desconsiderando os idiomas nos quais as orações adverbiais geralmente precedem a oração principal, as tendências posicionais de orações condicionais, temporais, causais e intencionais podem ser descritas a seguir:

**Figura 3 – Relação entre valor semântico e ordenação**



Fonte: Diessel (2013)

Sendo assim, em relação à ordenação, as orações condicionais tendem a preceder a oração principal e as orações causais são geralmente colocadas após sua oração principal. Porém, seu estudo não fornece informações sobre a ordenação das orações concessivas, também estudadas e futuramente apresentadas neste texto, desta forma, recorreremos aos estudos de Neves (1999), que postula que a ordenação das concessivas é ambígua, já que aparecem nas duas posições (anteposta e posposta), sem haver qualquer tipo de predileção definida.



### 3. METODOLOGIA

Como já mencionado, nossa metodologia compreende uma análise tanto qualitativa quanto quantitativa, com fatores de ordem estrutural, semântica e pragmática. Os dados foram retirados do site *Corpus* do Português, mais especificamente da aba “Web-Dialetos”, que reúne cerca de 1 bilhão de palavras de páginas da web de quatro países lusófonos: Brasil, Portugal, Angola e Moçambique.

O *corpus* não possui nenhuma divisão, além da nacionalidade, reunindo, dessa forma, textos das mais diferentes temáticas e gêneros textuais. Coletamos 150 dados de cada microconstrução, totalizando, assim, uma amostra de 450 dados. Foram analisados apenas aqueles pertencentes à variante brasileira, em modalidade escrita e que foram compilados entre os anos de 2013 e 2014.

#### 3.1. Fatores de Análise

Os fatores de análise para esta pesquisa foram elaborados com base em outros estudos sobre conectivos [X que] e orações hipotáticas, além dos objetivos e hipóteses já mencionados que postulamos para esta pesquisa. A seguir, elencamos tais fatores, que serão melhor explicados na seção de Análise:

- (a) valor semântico-pragmático das construções hipotáticas;
- (b) ordenação das construções hipotáticas em relação às matrizes;
- (c) estrutura informacional das construções hipotáticas;
- (d) simultaneidade temporal dos verbos presentes nas orações hipotáticas e em suas matrizes;
- (e) correferencialidade entre os sujeitos das orações hipotáticas e suas matrizes;
- (f) codificação formal do sujeito da oração hipotática;
- (h) frequência de ocorrência (*token*) e de tipo (*type*) dos itens verbais pertencentes às orações hipotáticas.

## 4. ANÁLISE E RESULTADOS

### 4.1. Valor Semântico, Ordenação e Estrutura Informacional

Como anteriormente apresentado, o estudo realizado por Diessel (2013) permite observar que existe uma estreita relação entre o valor semântico de uma oração hipotática, a posição que ela ocupa em relação a sua oração matriz (anteposta, intercalada ou posposta) e o tipo de informação (pressuposta ou não-pressuposta) que veicula.

O fator ordenação também se atrela à pressuposição, dado que, de modo geral, acredita-se que orações hipotáticas que apresentam informações novas tendem a ocorrer após as orações matrizes, instanciando orações focais, enquanto aquelas que são anteriores às orações matrizes, normalmente, contêm uma informação já fornecida ou conhecida pelo interlocutor.

A partir dessas considerações, nas próximas subseções serão apresentados os resultados de cada um desses fatores e também o cruzamento entre eles.

#### 4.1.1. Valor Semântico das Orações Hipotáticas

Partindo do pressuposto que algumas conjunções poderiam apresentar valores semânticos não previstos pela tradição, como aponta o trabalho realizado por Rodrigues (2018), realizamos uma breve revisão da literatura. A partir disso, revisitamos as gramáticas de Bechara (2009), Rocha Lima (1985) e de Cunha e Cintra (2008), buscando mapear os valores semânticos atribuídos pela tradição prescritiva. Além disso, revisamos também a gramática descritiva de Neves (1999) que evidencia um vínculo existente entre orações causais, concessivas e condicionais e demonstra de que forma essas relações circunstanciais se organizam em um *continuum*.

Ao analisar estas relações na língua portuguesa, Neves (1999) propõe que a relação causal diz respeito à conexão causa-consequência, ou causa-efeito, entre dois eventos. Enquanto a oração principal manifesta a consequência ou efeito, a oração hipotática (evidenciada em negrito) exprime a causa, como pode ser observado no exemplo a seguir:

- (4) “O autor diz que esses novos gêneros não são criações inéditas, **visto que se construíram a partir de outros gêneros já existentes**”. (*Corpus do Português*)

No exemplo supramencionado, a consequência de os novos gêneros não serem uma criação inédita, expressa pela oração principal, é causada pelo fato expresso na oração hipotática. Sendo assim, o motivo pelo qual esses gêneros não são inéditos se deve ao fato de que eles foram construídos a partir de outros já existentes.

Enquanto isso, segundo a autora, as orações condicionais são tradicionalmente observadas pelas relações lógico-semânticas por elas marcadas. Uma construção condicional é estabelecida pela relação entre uma oração que exprime condição (oração hipotática) e uma que exprime o que é condicionado (oração principal). Essa relação entre elas se apoia, basicamente, numa hipótese, razão pela qual, nos estudos clássicos, é utilizado o termo período hipotético para designar as construções condicionais.

Como apresentado anteriormente, foi observado que existe uma relação entre orações causais, condicionais e concessivas. Levando em conta os estudos realizados por Neves (1999), já eram previstas orações não apenas com estes valores, tradicionalmente estabelecidos, mas também orações híbridas, que apresentam mais de uma circunstância ao mesmo tempo, tais quais as orações causais-condicionais e as orações concessivas-condicionais.

Nesta pesquisa, foram encontrados dados que apresentam o primeiro caso, em que, ao mesmo tempo em que existe uma relação de causa e consequência entre a oração hipotática e sua principal, existe também uma relação de condição e aquilo que é condicionado, como pode ser observado no exemplo abaixo:

(5) **Dado que o vetor  $R$  tem módulo constante**, o único movimento possível de  $P$  relativo a  $C$  é uma rotação com velocidade angular  $w$  ao redor de um eixo instantâneo que passe por  $C$ , tal como vemos na figura. (*Corpus* do Português)

O exemplo (5) apresenta um desses dados de valor híbrido, pois ao mesmo tempo que a oração hipotática indica a razão pela qual o único movimento possível seja aquele evidenciado pela oração principal, também instancia uma relação de condição e aquilo que é condicionado, já que, a partir do momento que o módulo é dito como constante, tendo em conta esta condição, só existe uma possibilidade de movimento.

Por fim, o conceito básico de concessividade pode ser definido como “aquilo que é contrário à expectativa”, em que a oração hipotática concessiva expressa um fato (ou noção) que poderia

se caracterizar como um impedimento, mas que, apesar dele, o evento presente na oração principal se mantém. Essa relação pode ser ilustrada no seguinte exemplo:

(6) **“Posto que a vida afetiva e a vida intelectual sejam demasiado heterogêneas para que uma se reduza à outra**, procedemos sempre sem levar em conta a diferença que separa os sentimentos da inteligência.” (*Corpus* do Português).

No exemplo acima, a oração hipotática evidencia como a vida afetiva e a vida intelectual são demasiado heterogêneas, porém, divergindo do que se espera, essa diferença não é levada em consideração pelos interlocutores. Sendo assim, o exemplo (6) demonstra a clara relação de concessão entre o fato expresso pela oração hipotática e aquele presente em sua matriz.

Tendo esses conceitos em conta, nossos resultados acerca dos valores semânticos das três microconstruções estudadas podem ser conferidos na tabela abaixo:

**Tabela 1 – Valor semântico das orações hipotáticas**

	CAUSAL	CAUSAL-CONDICIONAL	CONCESSIVA	TOTAL
VISTO QUE	150 (100%)	0	0	150 (100%)
DADO QUE	138 (92%)	12 (8%)	0	150 (100%)
POSTO QUE	137 (91,3%)	7 (4,7%)	6 (4%)	150 (100%)
TOTAL	425 (94,4%)	19 (4,3%)	6 (1,3%)	450 (100%)

Fonte: elaboração própria

Com relação aos resultados, é possível observar que existe uma maior incidência de orações causais com as três microconstruções. As orações iniciadas por “visto que” apresentaram 100% de suas ocorrências com este valor, seguidas pelas orações com “dado que”, com 92% de suas ocorrências sendo causais e, por fim, aquelas introduzidas por “posto que”, com 91,3% de seus dados apresentaram uma relação de causalidade com suas orações principais. É importante destacar que diferente das outras duas microconstruções, que apresentaram multifuncionalidade, já que apresentaram mais de um valor semântico, as orações hipotáticas introduzidas por “visto que” foram encontradas apenas ocorrências causais. Também é passível de atenção que o valor concessivo foi encontrado apenas nas orações

iniciadas por “posto que” (este valor semântico representando 4% de seus dados) e que as orações causais-condicionais foram encontradas com maior ocorrência com a microconstrução introduzida por “dado que” (cerca de 8% de seus dados).

#### 4.1.2. Ordenação das Orações Hipotáticas

Outro fator analisado foi a colocação das orações hipotáticas em relação às suas orações principais. De forma geral, a ordenação de orações é associada à noção de informatividade. A literatura demonstra que orações hipotáticas que são posteriores às suas matrizes normalmente apresentam informações novas, enquanto as que antecedem contêm referência daquilo que já foi dito ou que já era de conhecimento do interlocutor. Essa relação será melhor explicitada na seção seguinte, mas, de acordo com a tradição, a posição à esquerda da sentença se caracteriza como a posição de informações velhas e a posição à direita, de informações novas (ANTONIO, 2004).

Além das posições canonicamente esperadas, também foram encontradas ocorrências de orações intercaladas, que se caracterizam por se inserirem dentro de suas orações principais e aparecem, normalmente isoladas por vírgula, travessão, parênteses ou colchetes. Pragmaticamente, essas orações tendem a emitir uma opinião, advertência do emissor, observação ou ressalva.

A seguir, apresentamos essas três possíveis colocações das orações hipotáticas (evidenciadas em negrito) em relação às suas orações principais (evidenciadas por meio do sublinhado):

##### (a) Anteposta:

(7) “Por que tomar cuidado? **Visto que nomes próprios não seguem regras ortográficas**, é necessário tomar grande cuidado em usar”. (*Corpus* do Português)

##### (b) Intercalada:

(8) “A metodologia correta **(dado que a União se financiou emitindo dívida mobiliária)** deveria considerar a diferença entre as taxas acumuladas desde o início do contrato (que varia conforme a unidade da federação)”. (*Corpus* do Português)

##### (c) Posposta:

(9) E o verdadeiro arrependimento envolve intelecto, sentimento e vontade. O arrependimento de Judas, por exemplo, foi incompleto, posto que envolveu apenas a parte sentimental e possivelmente a intelectual, não resultando em ação, como no caso de Pedro. (*Corpus do Português*)

O exemplo (7) ilustra como as orações antepostas se comportam, se inserindo antes de sua oração principal. Enquanto isso, no exemplo (8) a oração hipotática se localiza entre o sujeito e o item verbal da oração principal. Já no exemplo (9), a oração hipotática após sua oração principal. Acreditamos que essas colocações instanciam funções pragmáticas diferentes que serão melhor explicitadas nas próximas seções.

Com base nessas considerações, organizamos nossos resultados na seguinte tabela:

**Tabela 2 – Ordenação das orações hipotáticas**

	ANTEPOSTA	INTERCALADA	POSPOSTA	TOTAL
VISTO QUE	10 (6,7%)	2 (1,3%)	138 (92%)	150 (100%)
DADO QUE	58 (38,7%)	6 (4%)	86 (57,3%)	150 (100%)
POSTO QUE	14 (9,3%)	0	136 (90,7%)	150 (100%)
TOTAL	82 (18,2%)	8 (1,8%)	360 (80%)	450 (100%)

Fonte: elaboração própria

Em relação aos resultados, o maior número de ocorrências, nas três microconstruções, foi com a posição posposta com 92% das ocorrências das orações hipotáticas com “visto que” se apresentando após de suas orações principais, seguido pelas orações introduzidas por “posto que”, com 90,7% de suas ocorrências sendo pospostas às suas orações matrizes, e por aquelas orações iniciadas por “dado que”, com 57,3% de suas ocorrências apresentando a mesma posição. Entretanto, é importante destacar a considerável porcentagem de orações antepostas com a microconstrução introduzida por “dado que” quando comparada às demais, já que cerca de 38,7% das 150 ocorrências com as orações iniciadas por esse conectivo apareceram antes de suas orações principais. Além disso, é destacável também que a posição intercalada não foi observada nas orações hipotáticas iniciadas por “posto que”.

#### 4.1.3. Valor Semântico X Ordenação

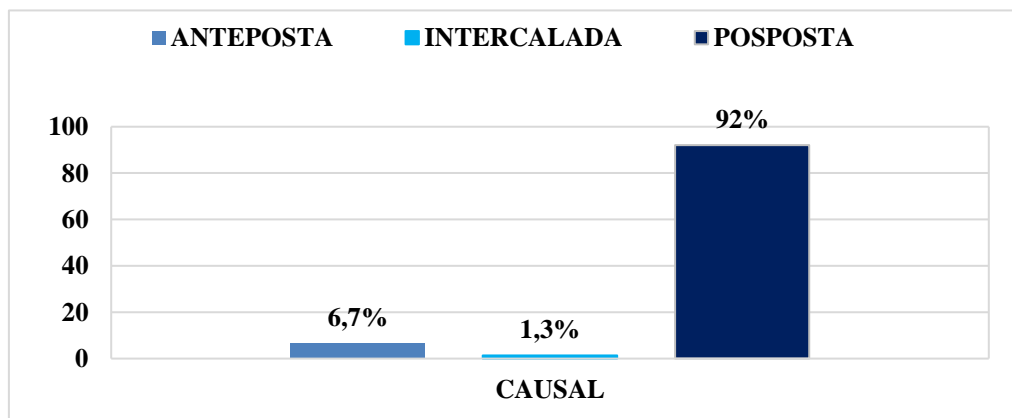
Realizamos também uma revisão do trabalho de Neves (1999) sobre a ordem das orações hipotáticas, entrelaçando esse fator aos valores semânticos apresentados por essas construções. No caso das orações causais, foi defendido pela autora que existe uma tendência à posposição, já que, normalmente, se enuncia primeiro o efeito, expressado pela oração principal, e, depois, a causa, expressada pela oração hipotática.

Já no caso das condicionais, primeiro se enuncia a ocorrência de uma condição, evidenciada na oração hipotática, que pode ou não ser satisfeita, e depois a oração que depende da concretização dessa condição, expressa pela oração principal. Assim sendo, tais orações apresentam uma tendência à anteposição.

Por fim, em relação às orações concessivas esta predileção depende do propósito comunicativo do interlocutor. Podem aparecer na posição posposta à oração principal quando funcionam como um adendo e antepostas quando possuem a função de tópico, retomando informações que já foram previamente dadas.

A seguir, apresentamos o cruzamento dos fatores desta seção com as orações hipotáticas introduzidas por “visto que”:

**Gráfico 1 – Cruzamento entre valor-semântico e ordenação com orações introduzidas por “visto que”**



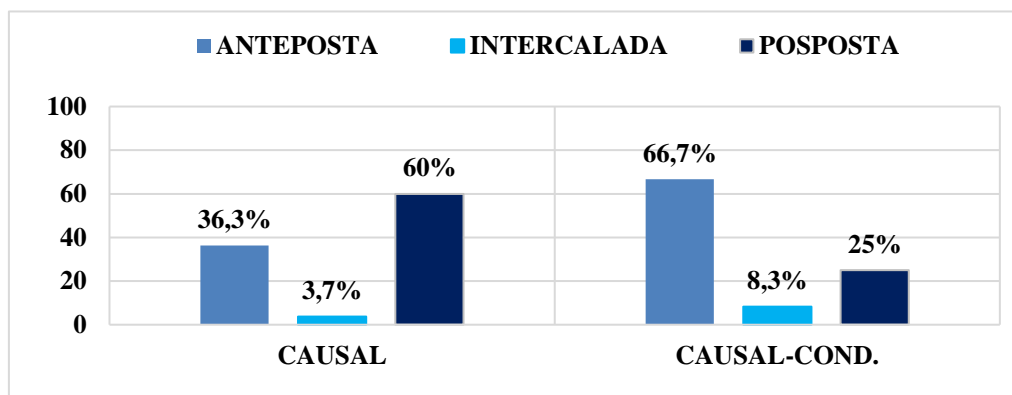
Fonte: elaboração própria

Como já era sabido, devido àquilo que foi apresentado na subseção de “Valor Semântico”, o único valor semântico apresentado pelas orações hipotáticas introduzidas por “visto que” foi causal. Da mesma forma, era esperado que as orações introduzidas por esse

conectivo apresentassem uma preferência pela posposição, como mostrado na subseção de “Ordenação”. Com relação ao cruzamento desses dois fatores, das 150 ocorrências de orações hipotáticas causais introduzidas por “visto que”, 92% ocorreram na posição posposta. Isso corrobora com nossa hipótese de que orações hipotáticas que apresentam causa tendam a aparecer depois de suas orações principais.

A seguir apresentamos este cruzamento com as orações hipotáticas iniciadas por “dado que”:

**Gráfico 2 – Cruzamento entre valor-semântico e ordenação com orações introduzidas por “dado que”**



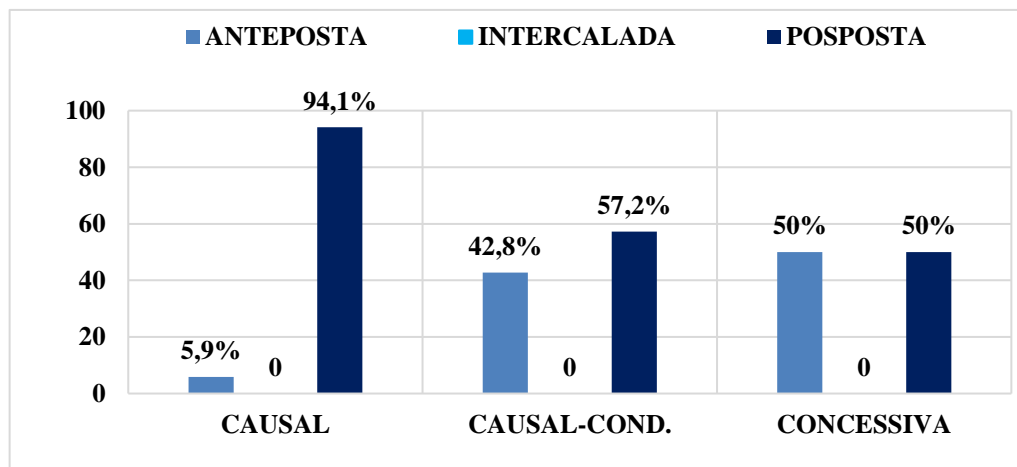
Fonte: elaboração própria

Com relação a estas orações o que foi possível observar é que com as orações causais houve uma tendência à posposição, com cerca de 60% das ocorrências causais ocorrendo nesta posição. Em relação às orações causais-condicionais, houve um maior número de ocorrências na posição anteposta, totalizando 66,7% das ocorrências com este valor semântico. Esses resultados já eram esperados pelos nossos pressupostos, visto que, de acordo com a tradição, postulava-se que orações causais tenderiam a aparecer pospostas às suas orações matrizes, pois, geralmente, se enuncia primeiro o efeito, expresso pela principal, e, depois, a causa, expressada pela hipotática, enquanto as orações causais-condicionais tenderiam à anteposição, em que primeiro se enuncia a ocorrência de uma condição, evidenciada pela oração hipotática, que pode ou não ser satisfeita, e depois a oração que depende da concretização dessa condição, expressa pela oração principal.

Abaixo expomos o cruzamento desta seção com as orações hipotáticas introduzidas por “posto que”:



Gráfico 3 – Cruzamento entre valor-semântico e ordenação com orações introduzidas por “posto que”



Fonte: elaboração própria

No tocante às orações introduzidas por “posto que”, observamos que tanto as orações causais quanto as causais-condicionais apresentaram uma tendência à posposição, em que as primeiras apresentaram 94,1% de suas ocorrências nesta posição e as segundas cerca de 57,2% de seus dados. Porém, no caso das orações causais-condicionais, existe um número bem menor de orações pospostas quando comparado ao das causais. Sendo assim, é também passível de destaque que as orações causais-condicionais têm uma tendência à anteposição, já que 42,8% de suas ocorrências apresentaram esta posição como a predileta. Já no que diz respeito às orações concessivas, não houve uma preferência acerca da ordenação em relação às orações principais, já que 50% ocorreram na posição anteposta e os outros 50% na posição posposta.

Seguidamente, expomos uma tabela que resume as tendências gerais das três orações hipotáticas no que diz respeito o cruzamento destes dois fatores:

Tabela 3 – Cruzamento entre valor-semântico e ordenação das três orações hipotáticas

	ANTEPOSTA	INTERCALADA	POSPOSTA	TOTAL
CAUSAL	68 (16%)	7 (1,6%)	350 (82,4%)	425 (100%)
CAUSAL-CONDICIONAL	11 (57,9%)	1 (5,3%)	7 (36,8%)	19 (100%)
CONCESSIVA	3 (50%)	0	3 (50%)	6 (100%)
TOTAL	82 (18,2%)	8 (1,8%)	360 (80%)	450 (100%)

Fonte: elaboração própria

Sendo assim, cabe destacar que das 425 ocorrências causais, cerca de 82,4% apresentam a posição posposta, corroborando com nossa hipótese de que orações causais teriam uma tendência à posposição. Em relação às causais-condicionais, das suas 19 ocorrências, 57,9% apareceram na posição anteposta. Acreditamos que o traço condicional influencie fortemente essa colocação visto que era esperado que orações condicionais tendessem à anteposição. Por fim, no que diz respeito às orações concessivas, que apareceram apenas em construções iniciadas pelo conectivo “posto que”, não houve uma predileção de posição, já que, das 6 ocorrências, metade delas aparecem na posição anteposta e a outra metade na posição posposta.

#### 4.1.4. Pressuposição

Quanto à estrutura informacional, a tradição postula que orações hipotáticas podem trazer informações pressupostas e não-pressupostas. Uma informação pressuposta é aquela já dada no discurso antecedente ou que o leitor possa deduzir através de pistas deixadas pelo escritor / locutor, enquanto uma informação não-pressuposta trata-se de uma informação nova ou não inferível por pistas linguísticas (cf. LAMBRECHT, 1994).

A seguir é apresentado um exemplo de uma oração hipotática pressuposta (evidenciada em negrito):

(10) [...] Primeiro, os indivíduos da lista de espera tendem a montar lobby para garantir e acelerar sua convocação, o que gera mais custo de transação e induz a contratação de mais servidores que o necessário. Segundo, *os concursos se tornam grandes eventos*, com número elevado de candidatos, o que eleva o custo de realização dos certames. Terceiro, [...] Nos

concursos públicos as questões de múltipla escolha têm maior peso. **Dado que os concursos são grandes eventos, opta-se por um método de teste que facilite a correção por meio eletrônico.** [...] (*Corpus* do Português)

O fato de os concursos serem grandes eventos, informação trazida pela oração hipotática, já era esperado pelo interlocutor, pois no parágrafo acima isto já havia sido evidenciado na frase “[...] os concursos se tornam grandes eventos...”, destacada em itálico.

Sendo assim, é importante destacar que consideramos pressupostos os dados que possuem as informações, trazidas pela oração hipotática, dentro do próprio texto. Neste caso, suposições do autor ou uma opinião generalizante, por exemplo, que não foram exploradas ou apresentadas textualmente, não foram consideradas como informações pragmaticamente pressupostas.

Tendo em conta essas informações, apresentamos nossos resultados com relação à pressuposição na tabela a seguir:

**Tabela 4 – Pressuposição das orações hipotáticas**

	PRESSUPOSTA	NÃO-PRESSUPOSTA	TOTAL
VISTO QUE	25 (16,7%)	125 (83,3%)	150 (100%)
DADO QUE	32 (21,3%)	118 (78,7%)	150 (100%)
POSTO QUE	16 (10,7%)	134 (89,3%)	150 (100%)
TOTAL	73 (16,2%)	377 (83,8%)	450 (100%)

Fonte: elaboração própria

Com relação aos resultados, podemos observar que as três microconstruções têm uma tendência a apresentarem informações pragmaticamente não-pressupostas. Das 150 ocorrências de orações introduzidas por “posto que”, cerca de 89,3 % se apresentaram como orações não-pressupostas. Enquanto isso, as orações hipotáticas iniciadas por “visto que” apresentaram 83,3% de seus dados trazendo informações novas ao interlocutor, ao mesmo tempo que das 150 ocorrências de orações introduzidas por “dado que”, 78,7% se apresentaram como orações não-pressupostas pragmaticamente.

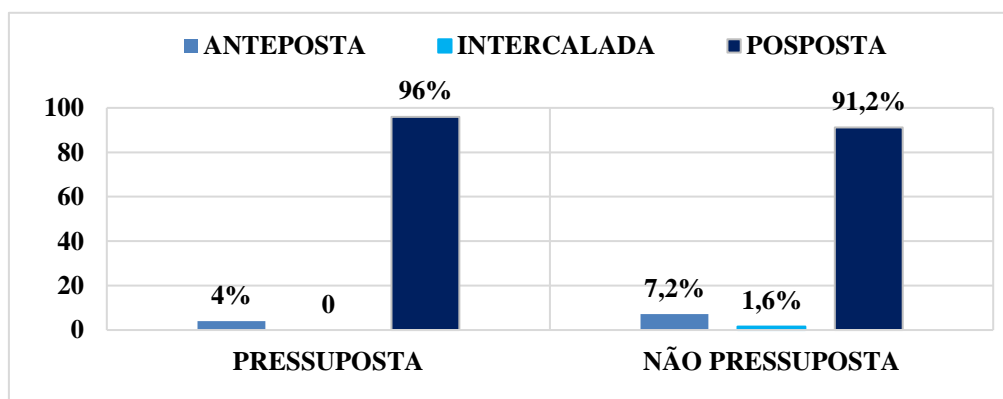
Sendo assim, ainda que seja uma diferença percentual mínima, é importante destacar que, dentre as três, as orações iniciadas por “dado que” apresentam o maior número de orações pressupostas quando comparadas às demais, correspondente a 21,3% de suas ocorrências, enquanto aquelas introduzidas por “posto que” apresentam o menor número de orações pressupostas, cerca de 10,7% de seus dados.

#### 4.1.5. Pressuposição X Ordenação

Como dito anteriormente, o fator ordenação se atrela à pressuposição, já que, postula-se que orações hipotáticas que apresentam informações novas tendem a ocorrer após as orações matrizes, enquanto aquelas que são anteriores às orações principais, normalmente, contêm uma informação já fornecida ou conhecida pelo interlocutor.

Levando isso em conta, associamos esses dois fatores, e, a seguir, apresentaremos o comportamento de ambos fatores com as três microconstruções, iniciando pelas orações introduzidas por “visto que”:

**Gráfico 4 – Cruzamento entre pressuposição e ordenação com orações introduzidas por “visto que”**



Fonte: elaboração própria

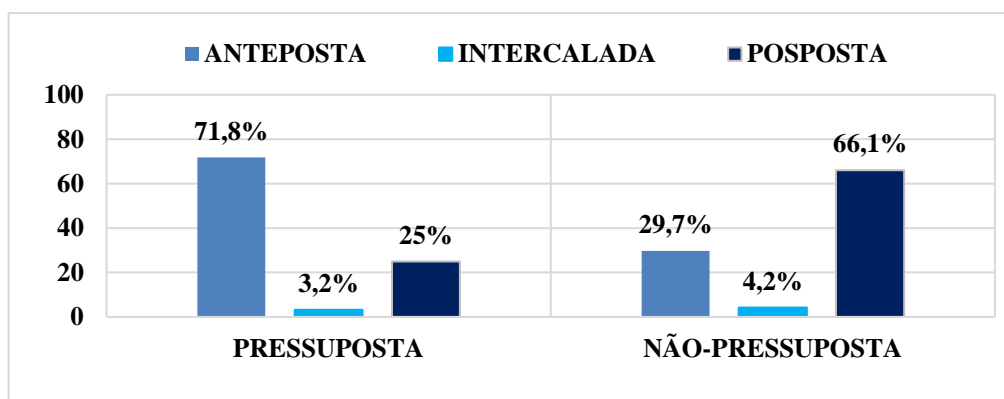
No tocante aos resultados com as orações introduzidas por “visto que”, podemos observar que, independentemente de as informações serem pragmaticamente pressupostas ou não, a posição com maior incidência foi a posposta. Em relação às orações pressupostas, cerca de 96% de suas ocorrências se apresentaram na posição posposta, enquanto com as não-pressupostas cerca de 91,2% também se apresentaram após suas orações principais.

Isso vai contra aquilo que esperávamos, já que hipotetizávamos que orações pressupostas teriam uma tendência à anteposição e as não-pressupostas à posposição, o que não

ocorreu, pois independentemente da posição, sejam elas antepostas, intercaladas ou pospostas, de forma geral, as orações introduzidas por “visto que” têm uma tendência a apresentar orações pragmaticamente não-pressupostas pelo interlocutor.

Seguidamente, apresentamos o cruzamento destes fatores com as orações introduzidas por “dado que”:

**Gráfico 5 – Cruzamento entre pressuposição e ordenação com orações introduzidas por “dado que”**



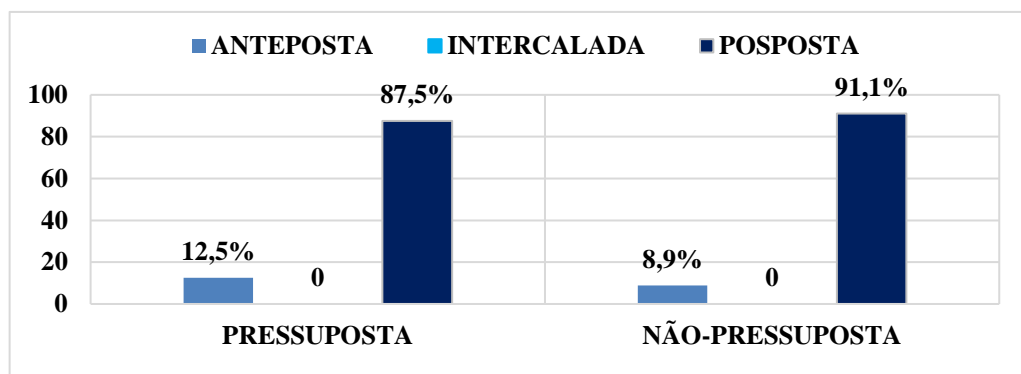
Fonte: elaboração própria

Em relação aos resultados com a microconstrução iniciada por “dado que”, houve uma corroboração em relação às hipóteses previamente postuladas, já que as orações pressupostas realmente tiveram uma tendência à anteposição (71,8%) enquanto as orações pragmaticamente não-pressupostas apresentaram um maior número de ocorrências na posição posposta (66,1%).

Isso era esperado, pois, segundo a tradição, orações antepostas, geralmente, têm a função de apresentar informações que são pragmaticamente pressupostas, fornecendo uma base temática para as informações que virão apresentadas em sua oração principal, enquanto em relação às orações pospostas, era previsto que elas apresentassem informações novas, instanciando orações focais.

A seguir apresentamos o cruzamento destes fatores com as orações introduzidas por “posto que”:

Gráfico 6 – Cruzamento entre pressuposição e ordenação com orações introduzidas por “posto que”



Fonte: elaboração própria

A respeito dos resultados com as orações iniciadas por “posto que”, assim como ocorrido com as orações introduzidas por “visto que”, não houve uma diferença entre orações pressupostas e não-pressupostas, já que ambas apresentaram uma maior tendência à posposição. As orações pressupostas apresentaram 87,5% de suas ocorrências na posição posposta, enquanto as orações hipotáticas não-pressupostas manifestaram 91,1% de suas ocorrências posteriores à oração principal. Entretanto, é passível de destaque que, em relação às orações antepostas, houve uma tendência pressuposição (12,5%), ainda que com uma diferença percentual mínima. Isso era esperado, já que, de acordo com os pressupostos considerados, as orações pressupostas pragmaticamente tenderiam a aparecer antes de suas orações principais, trazendo informações já previstas pelo interlocutor.

Com base nesses resultados, elaboramos uma tabela que resume as tendências gerais das três orações hipotáticas no que diz respeito o cruzamento de ambos fatores:

Tabela 5 – Cruzamento ordenação e pressuposição das orações hipotáticas

	ANTEPOSTA	INTERCALADA	POSPOSTA	TOTAL
PRESSUPOSTA	26 (35,6%)	1 (1,4%)	46 (63%)	73 (100%)
NÃO-PRESSUPOSTA	56 (14,8%)	7 (1,9%)	314 (83,3%)	377 (100%)
TOTAL	82 (18,2%)	8 (1,8%)	360 (80%)	450 (100%)

Fonte: elaboração própria

Em relação aos nossos resultados, ressaltamos que das 73 ocorrências pressupostas, cerca de 63% apresentam a posição posposta. Isso não corrobora com nossa hipótese inicial, baseada no trabalho realizado por Diessel (2013), de que orações pressupostas teriam uma tendência à anteposição. Já em relação às orações não-pressupostas, dentre as 377 ocorrências, 83,3% apareceram na posição posposta, o que, por sua vez, corrobora com nossa hipótese inicial de que orações causais teriam uma tendência à posposição.

## **4.2. Integração Entre Orações**

Buscando ainda mais características que diferenciam essas microconstruções, foi considerado para esta pesquisa o princípio da integração. Baseando-se nos estudos de Givón (1979), postula-se que uma maior integração semântica ou pragmática acarreta também uma maior integração sintática entre as orações.

Portanto, ao medir o grau de integração entre orações, o objetivo é verificar se as estratégias sintáticas exibem graus diferenciados de gramaticalização, que podem ser depreendidos através dos seguintes fatores: a simultaneidade temporal dos eventos das orações, a correferencialidade de sujeitos das orações e a codificação formal do sujeito da oração hipotática.

Acredita-se que quando o sujeito da oração hipotática se realiza por meio da anáfora pronominal ou por zero haja uma maior integração entre ela e sua oração principal, assim como se houver correferencialidade entre seus sujeitos e se o tempo e modo dos itens verbais presentes nas orações hipotáticas forem os mesmos das orações principais.

Sendo assim, a fim de se averiguar qual das microconstruções apresentaria o maior grau de integração, serão apresentados nas próximas subseções os resultados de cada um desses fatores.

### **4.2.1. Simultaneidade Temporal**

O primeiro fator analisado foi a simultaneidade temporal entre os itens verbais das orações hipotáticas estudadas e os de suas matrizes, ou seja, foi verificado se o tempo verbal era o mesmo em ambas as orações.

Elencamos, a seguir, dados que apresentam casos de simultaneidade temporal, com os itens verbais das orações hipotáticas (em **negrito**) e das principais (evidenciadas pelo sublinhado) destacados em **itálico**:

(11) Mas nosso cérebro não evoluiu [para interpretar representações bidimensionais do mundo], **visto que passamos nossas vidas em um mundo tridimensional** (ou quadridimensional, se você considerar o tempo como parte do conjunto). (*Corpus do Português*)

(12) “**Dado que as galinhas não recebem tratamento médico individualizado, tais fraturas são** a causa de pelo menos 30% das mortes de ‘poedeiras’.” (*Corpus do Português*)

(13) Enquanto o este concebia o estado natural como guerra e o estado social como fonte de segurança individual, Rousseau afirmava o estado natural como fonte da liberdade e da igualdade, sendo essencialmente bom, enquanto que a sociedade política era a fonte da guerra, posto que instaurava a desigualdade entre os homens. (*Corpus do Português*)

O exemplo (11) apresenta o verbo “evoluiu” em sua oração principal e o verbo “passamos” em sua hipotática, estando ambos itens no pretérito perfeito. Enquanto o exemplo (12), cujos os itens verbais da oração hipotática e da principal são respectivamente “recebem” e “são”, a simultaneidade é observada com o tempo presente. Já o exemplo (13), em que os verbos da oração principal e da hipotática são respectivamente “era” e “instaurava”, apresenta simultaneidade temporal com pretérito imperfeito. Além desses tempos verbais, também houveram ocorrências com o futuro do pretérito, futuro do presente e pretérito mais-que-perfeito.

Levando em conta essas considerações, estruturamos nossos resultados na tabela abaixo:

**Tabela 6 – Simultaneidade temporal entre as orações hipotáticas e suas matrizes**

	SIMULTÂNEO	NÃO-SIMULTÂNEO	TOTAL
VISTO QUE	99 (66%)	51 (34%)	150 (100%)
DADO QUE	111 (74%)	39 (26%)	150 (100%)
POSTO QUE	102 (68%)	48 (32%)	150 (100%)
TOTAL	312 (69,3%)	138 (30,7%)	450 (100%)

Fonte: elaboração própria



Podemos observar que a simultaneidade prevaleceu com a maior incidência nas três microconstruções analisadas, com 74% das ocorrências das orações hipotáticas com “dado que” apresentando tempos distintos aos de suas orações principais, seguido pelas orações introduzidas por “posto que”, com 68% de suas ocorrências apresentando correspondência com o tempo verbal de suas orações matrizes, e por aquelas orações iniciadas por “visto que”, com 66% de suas ocorrências apresentando simultaneidade temporal entre as orações.

Destacamos que, apesar disso, dentre as três, as orações iniciadas por “dado que” apresentam o maior número de simultaneidade temporal quando comparadas às demais (74%), ainda que seja uma diferença percentual mínima.

#### 4.2.2. Codificação Formal do Sujeito

O terceiro fator analisado foi codificação formal do sujeito das orações hipotáticas. Como dito anteriormente, postula-se que as orações hipotáticas que apresentam seus sujeitos através de uma anáfora pronominal ou por uma anáfora zero possuem um maior grau de integração com suas orações principais. Assim sendo, buscamos identificar as possíveis formas que o sujeito se apresenta e averiguar qual das três microconstruções apresentam um maior índice de anáforas.

Com base nisso, apresentaremos as cinco possibilidades para a codificação formal do sujeito das orações hipotáticas. Após cada uma delas, elencaremos um exemplo, proveniente de nossos resultados. Consideramos as seguintes formas:

##### (a) Anáfora zero:

(14) “Nesta perspectiva, confirmasse mais uma vez nosso entendimento já que até os não sindicalizados cooperam com a ideologia sindical, **posto que anualmente realizam contribuição sindical**, na forma de desconto de um dia de trabalho do servidor”. (*Corpus* do Português)

##### (b) Anáfora pronominal

(15) “Os membros de Alcoólicos Anônimos não correm atrás, nem ‘paparicam’ novo companheiro ingressante, mas ardisoso, **visto que eles conhecem muito bem as manhas de um alcoólico**, da mesma forma que um trapaceiro regenerado continua conhecendo a arte de iludir o próximo”. (*Corpus* do Português)

**(c) Sintagma nominal:**

(16) “No entanto, o maior tensionamento com certeza se dará no andamento das propostas, **dado que no Legislativo as propostas só caminham por consenso**”. (*Corpus* do Português)

**(d) Sintagma verbal:**

(17) “Para o juiz, a defesa do município chega a ser ‘acintosa, **posto que aceitar uma degradação ambiental**, ainda que de alegado pequeno porte (o qual, ressalta-se, não concordamos), **seria no mínimo descurar-se de todo o arcabouço protetivo ambiental constitucional**’.” (*Corpus* do Português)

**(e) Partícula indeterminante “se”:**

(18) “Ao contrário do que você diz, também há base bíblica para o batismo de crianças, **visto que nos Evangelhos sempre se diz que quando alguém se convertia eram batizados o próprio e toda a sua família**.” (*Corpus* do Português)

Tanto o exemplo (14) quanto o (15) apresentam sujeitos que se materializam através do fenômeno de anáfora. No primeiro exemplo temos o sujeito “os não sindicalizados” sendo omitido na oração hipotática, mas podendo ser facilmente inferido pela pragmática, constituindo uma codificação por anáfora zero.

Enquanto no segundo, o sujeito “Os membros de Alcoólicos Anônimos”, presente na oração principal, é retomado na oração hipotática através do pronome “ele”, instanciando o processo de anáfora pronominal. Já nos exemplos (16) e (17) temos dois sujeitos distintos em cada uma das orações. No primeiro exemplo, o sujeito da oração hipotática se materializa através do sintagma nominal “as propostas”, enquanto no segundo aparece sob a forma do sintagma verbal “aceitar uma degradação ambiental”, que sofreu um processo de nominalização.

Por fim, no exemplo (18), o sujeito da oração hipotática se classifica como um sujeito indeterminado e se materializa através da partícula “se” que, em conjunto com o verbo na 3ª pessoa do singular, realiza o fenômeno de indeterminação, na qual o sujeito não vem expresso na oração e nem é possível identificá-lo apenas com base apenas nas desinências número-pessoais do item verbal a que se liga.

Tendo essas informações em consideração, estruturamos os resultados obtidos na tabela abaixo:

**Tabela 7 – Codificação formal do sujeito das orações hipotáticas**

	ZERO	PRON.	SINT. NOM.	SINT. VERBAL	PARTÍCULA INDET. “SE”	TOTAL
<b>VISTO QUE</b>	44 (29,3%)	25 (16,7%)	78 (52%)	2 (1,3%)	1 (0,7%)	150 (100%)
<b>DADO QUE</b>	36 (24%)	20 (13,3%)	93 (62%)	1 (0,7%)	0	150 (100%)
<b>POSTO QUE</b>	46 (30,7%)	22 (14,7%)	77 (51,3%)	5 (3,3%)	0	150 (100%)
<b>TOTAL</b>	126 (28%)	67 (14,9%)	248 (55,1%)	8 (1,8%)	1 (0,2%)	450 (100%)

Fonte: elaboração própria

Com relação aos resultados, podemos ressaltar que, com as três microconstruções estudadas, o sujeito da oração hipotática tende a se apresentar na forma de um sintagma nominal, com 62% das ocorrências das orações com “dado que” possuindo sujeitos cujo núcleo é um nome, seguido pelas orações introduzidas por “visto que”, com 52% de suas ocorrências apresentando sujeitos que aparecem sob a forma de sintagmas nominais, e por aquelas orações iniciadas por “posto que”, com 51,3% de suas ocorrências com sujeitos apresentando também essa codificação.

Em relação à anáfora zero, as orações introduzidas por “posto que” foram aquelas que apresentaram maior incidência (30,7%), ainda que a diferença percentual quando comparada às iniciadas por “visto que” (29,3%) seja mínimo. No tocante à anáfora pronominal, as orações introduzidas por “visto que” são aquelas que apresentaram o maior número de ocorrências com essa variável (16,7%), também com uma diferença percentual pequena. No que tange os sujeitos em forma de sintagmas verbais, as orações iniciadas por “posto que” foram aquelas que apresentaram o maior percentual (3,3%). E, por fim, as orações introduzidas por “visto que” foram as únicas que apresentaram a variável com a partícula indeterminante ‘se’, em que 0,2 % de seus sujeitos se apresentaram sob essa codificação.

### 4.2.3. Correferencialidade de Sujeitos

O último fator analisado acerca da integração entre as orações hipotáticas e suas orações principais é a correferencialidade entre os sujeitos de ambas orações. Se postula que quando tanto a oração hipotática quanto a principal apresentam o mesmo sujeito exista uma maior integração sintática e pragmática entre elas.

A seguir, listaremos dados que apresentam sujeitos correferenciais (evidenciados em itálico) nas orações hipotáticas (em negrito) e suas principais (evidenciadas pelo sublinhado):

(19) “Por demorar para ser detectada (geralmente é vista no início da vida escolar), muitas crianças disléxicas são rotuladas de desmotivadas e preguiçosas, **visto que têm dificuldades de aprender.**” (*Corpus* do Português)

(20) “De uma forma, o sacerdote deve obediência aos fiéis, **dado que ele tem uma solene missão de levá-los à oração e ao culto** conforme a intenção da Igreja”. (*Corpus* do Português)

(21) Mas o que se há de fazer o Congresso Nacional é soberano. Infelizmente, o voto é secreto, lembramos na próxima eleição de não reeleger nenhum, **posto que não sabemos quem votou contra a cassação.** (*Corpus* do Português)

Tanto o exemplo (19) quanto o (21) apresentam sujeitos correferenciais que se materializam através do fenômeno de anáfora zero. No primeiro exemplo temos o sujeito “muitas crianças disléxicas” sendo omitido na oração hipotática, mas podendo ser facilmente inferido pela pragmática. Enquanto no segundo, o sujeito “nós”, apesar de não aparecer expresso na oração, pode ser facilmente identificado pela desinência número-pessoal dos verbos “lembramos” e “sabemos”. Já no exemplo (20), o sujeito “o sacerdote” é retomado através de uma anáfora pronominal, se concretizando na oração hipotática sob a forma de um pronome pessoal do caso reto, “ele”.

A tabela a seguir demonstra as tendências gerais de correferencialidade entre os sujeitos das orações hipotáticas e suas matrizes nas três microconstruções:

Tabela 8 – Correferencialidade entre os sujeitos das orações hipotáticas e suas matrizes

	CORREFERENCIAL	NÃO- CORREFERENCIAL	TOTAL
VISTO QUE	35 (23,3%)	115 (76,7%)	150 (100%)
DADO QUE	30 (20%)	120 (80%)	150 (100%)
POSTO QUE	52 (34,7%)	98 (65,3%)	150 (100%)
TOTAL	117 (26%)	333 (74%)	450 (100%)

Fonte: elaboração própria

Cabe ressaltar que todas as três microconstruções apresentaram um maior número de sujeitos não-correferenciais, com 80% das ocorrências das orações com “dado que” possuindo sujeitos distintos ao da sua oração principal, seguido pelas orações introduzidas por “visto que”, com 76,7% de suas ocorrências apresentando sujeitos não correspondentes, e por aquelas orações iniciadas por “posto que”, com 65,3% de suas ocorrências com sujeitos não-correferenciais. Ainda é passível de destaque que estas orações introduzidas por “posto que”, quando comparadas às demais, apresentaram uma maior incidência de sujeitos correferenciais, tendo 34,7% de suas ocorrências com o mesmo sujeito nas duas orações.

#### 4.3. Frequência de Tipo e de Ocorrência dos Itens Verbais das Orações Hipotáticas

Analizamos, também, as frequências de tipo e de ocorrência, baseando-se na perspectiva de Bybee (2010), dos itens verbais pertencentes às orações hipotáticas introduzidas por “visto que”, “dado que” e “posto que”. A autora demonstra em seus estudos, através de vários exemplos do inglês, o efeito conservador e inovador da frequência de uso. Os itens são fortalecidos cada vez que uma nova ocorrência de uso é mapeada, sendo assim, exemplares de alta frequência são mais fortes do que os de baixa frequência. Dessa forma, a frequência de uso é um importante fator que pode tanto conservar formas linguísticas existentes quanto trazer inovações.

A frequência de tipo (*type*) diz respeito à quantidade de itens lexicais que um padrão pode ter ou, no caso de construções esquemáticas, quantos diferentes itens podem preencher os possíveis *slots*. Enquanto isso, a frequência de ocorrência (*token*) corresponde ao número de vezes que o item verbal em particular ocorre.

Considerando um esquema como [(V<sub>pp</sub>) que (S) V (C)]<sub>OR.HIP.</sub>, nesta seção buscamos analisar o *slot* V e seus possíveis preenchimentos. Em outras palavras, identificamos quais são os verbos que aparecem com as orações estudadas nesta pesquisa e quantas vezes eles se repetem.

Examinamos todos os itens verbais presentes em nosso *corpus*, entretanto, na seguinte tabela, apresentaremos apenas os itens verbais que tiveram pelo menos 5 ocorrências:

**Tabela 9 – Frequência type-token dos itens verbais das orações hipotáticas**

<i>types</i> verbais	Orações iniciadas por [visto que]	Orações iniciadas por [dado que]	Orações iniciadas por [posto que]	<i>total</i> de tokens
1. Ser	46	38	48	132
2. Estar	7	14	2	23
3. Ter	7	10	5	22
4. Dizer	4	0	2	6
5. Existir	2	4	0	6
6. Fazer	4	1	1	6
7. Haver	0	4	2	6
8. Apresentar	2	0	3	5
9. Encontrar	2	2	1	5
10. Saber	2	2	1	5
<b>Total de itens verbais da tabela</b> 10	<b>Total de itens verbais com “visto que” na tabela</b> 9	<b>Total de itens verbais com “dado que” na tabela</b> 8	<b>Total de itens verbais com “posto que” na tabela</b> 9	<b>Total de ocorrências da tabela</b> 216
<b>Outros itens verbais</b> 172	<b>Outros itens verbais com “visto que”</b> 70	<b>Outros itens verbais com “dado que”</b> 68	<b>Outros itens verbais com “posto que”</b> 76	<b>Outras ocorrências</b> 234
<b>Total de itens verbais</b> 182	<b>Total de itens verbais que ocorrem com “visto que”</b> 79	<b>Total de itens verbais que ocorrem com “dado que”</b> 76	<b>Total de itens verbais que ocorrem com “posto que”</b> 85	<b>Total de ocorrências</b> 450

Fonte: elaboração própria

Em relação a frequência de ocorrência verbal, o item verbal mais frequente nas três construções foi o verbo *ser*, apresentando 132 ocorrências em 450 dados, o que corresponde a

29,3% dos dados. Os outros mais frequentes, em sequência, foram os verbos *estar* e *ter* (com valor de posse) que, juntos ao verbo *ser*, representam 39,3% dos dados. A alta frequência dos mesmos itens nas três construções permitiria supor que haveria uma aproximação entre as mesmas na rede linguística.

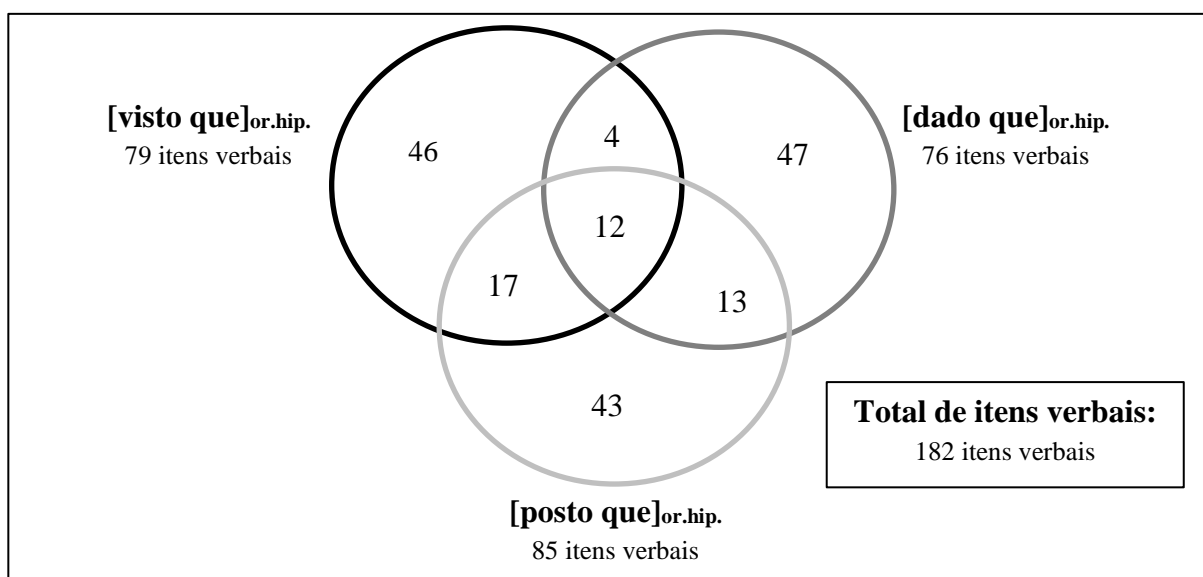
No tocante ao número de ocorrências, a construção com “dado que” foi a que apresentou o maior índice quantitativo na tabela, com 82 ocorrências, sendo seguido pela construção iniciada por “visto que”, com 80 ocorrências, e, por fim, por “posto que”, com 74 ocorrências.

A partir disso, também foram consideradas, na categoria “Outros”, as ocorrências dos itens verbais que não aparecem nesta tabela. Como foram coletados 150 dados para cada construção, evidentemente, isso caracteriza o número total de ocorrências. Dessa forma, podemos inferir que as orações introduzidas por “visto que” possuem outras 70 ocorrências, assim como as iniciadas por “dado que”, têm outras 68 ocorrências e àquelas introduzidas por “posto que”, outras 76 ocorrências.

Já em relação a frequência de tipos, foram apresentados os 10 tipos verbais mais recorrentes nesta tabela. Com as microconstruções introduzidas por “visto que” e “posto que”, foram encontrados 9 diferentes itens verbais, enquanto com as orações iniciadas por “dado que” foram encontrados 8 diferentes tipos verbais.

Além dos 10 itens verbais que aparecem codificados na tabela acima, existem ainda outros 172. A partir disso, é perceptível que alguns itens verbais se repetem entre as construções, visto que se somássemos o total de itens de cada uma das microconstruções, obteríamos como resultado 240 itens verbais, o que não condiz com a realidade. Sendo assim, para ilustrar essas relações, utilizamos o diagrama de Venn-Euler e a teoria matemática dos conjuntos para evidenciar quais seriam àqueles que apareciam apenas com uma construção e aqueles que fariam parte de interseções entre elas, como podemos observar na figura abaixo:

**Figura 4 – Frequência type dos itens verbais das orações hipotáticas**



Fonte: elaboração própria

No total foram encontrados 85 diferentes itens verbais que aparecem com as orações introduzidas por “posto que”, seguido de 79 itens verbais que aparecem com àquelas iniciadas por “visto que” e, por fim, 76 itens verbais para as orações introduzidas por “dado que”. Como dito anteriormente, alguns desses verbos são compartilhados entre as três construções. Assim sendo, existem 12 itens verbais que são comuns às três microconstruções, 17 que são comuns àquelas iniciadas por “posto que” e “visto que”, 4 comuns às orações com “visto que” e “dado que” e 13 que são comuns as orações introduzidas por “dado que” e “posto que”. Se ignorarmos as interseções existentes entre elas, percebemos que as orações iniciadas por “dado que” apresentam maior produtividade quando comparado às restantes, já que apresenta, por si só, 47 diferentes itens verbais.

Dessa forma, vemos que, embora essas três microconstruções sejam apresentadas nas gramáticas tradicionais com valores semânticos distintos, elas apresentam, na verdade, ocorrências bem semelhantes. Ainda assim, elas possuem especificidades que são demonstradas a partir da frequência de cada uma delas em diferentes contextos, ainda que a diferença percentual seja mínima. Mesmo assim, é possível afirmar que existe algum tipo de tendência para que o falante escolha uma microconstrução em detrimento da outra, mesmo que não haja uma consciência acerca dessas diferenças.



## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tabela a seguir apresenta uma comparação geral dos usos das três microconstruções estudadas nesta pesquisa:

Tabela 10 – Comparação entre os usos de [visto que]<sub>or.</sub>, [dado que]<sub>or.</sub> e [posto que]<sub>or.</sub>

Fatores analisados	[visto que] or.	[dado que] or.	[posto que] or.
Valor semântico	Causal 100%	Causal 92%	Causal 91,3%
	Causal-condicional 0%	Causal-condicional 8%	Causal-condicional 4,7%
	Concessivo 0%	Concessivo 0%	Concessivo 4%
Ordenação	Anteposta 6,7%	Anteposta 38,7%	Anteposta 9,3%
	Intercalada 1,3%	Intercalada 4%	Intercalada 0%
	Posposta 92%	Posposta 57,3%	Posposta 90,7%
Ordenação x Valor Semântico	Anteposta Causal <sup>3</sup> 6,7%	Anteposta Causal 36,3%	Anteposta Causal 5,9%
	Intercalada Causal 1,3%	Intercalada Causal 3,7%	Intercalada Causal 0%
	Posposta Causal 92%	Posposta Causal 60%	Posposta Causal 94,1%

<sup>3</sup> As cores evidenciam os diferentes fatores investigados dentro do cruzamento. No caso de Ordenação x Valor Semântico, houve uma divisão entre os valores semânticos (causal, causal-condicional e concessivo) e, no caso de Ordenação x Pressuposição, houve uma divisão entre Pressuposição e Não-Pressuposição. Tal artifício busca auxiliar o leitor na identificação de quais fatores que estão sendo cruzados e suas respectivas porcentagens.

	Anteposta Causal- condicional	Anteposta Causal- condicional	Anteposta Causal- condicional
	0%	66,7%	42,8%
	Intercalada Causal- condicional	Intercalada Causal- condicional	Intercalada Causal- condicional
	0%	8,3%	0%
	Posposta Causal- condicional	Posposta Causal- condicional	Posposta Causal- condicional
	0%	25%	57,2%
	Anteposta Concessiva	Anteposta Concessiva	Anteposta Concessiva
0%	0%	50%	
Intercalada Concessiva	Intercalada Concessiva	Intercalada Concessiva	
0%	0%	0%	
Posposta Concessiva	Posposta Concessiva	Posposta Concessiva	
0%	0%	50%	
Pressuposição	Inf. pressuposta (16,7%)	Inf. pressuposta (21,3%)	Inf. pressuposta (10,7%)
	Inf. não-pressuposta (83,3%)	Inf. não-pressuposta (78,7%)	Inf. não-pressuposta (89,3%)
Ordenação x Pressuposição	Anteposta Pressuposta	Anteposta Pressuposta	Anteposta Pressuposta
	4%	71,8%	12,5%
	Intercalada Pressuposta	Intercalada Pressuposta	Intercalada Pressuposta
	0%	3,2%	0%
Posposta Pressuposta	Posposta Pressuposta	Posposta Pressuposta	
96%	25%	87,5%	

	Anteposta Não-Pressuposta 7,2%	Anteposta Não-Pressuposta 29,7%	Anteposta Não-Pressuposta 8,9%
	Intercalada Não-Pressuposta 1,6%	Intercalada Não-Pressuposta 4,2%	Intercalada Não-Pressuposta 0%
	Posposta Não-Pressuposta 91,2%	Posposta Não-Pressuposta 66,1%	Posposta Não-Pressuposta 91,1%
Simultaneidade temporal	Sim 66%	Sim 74%	Sim 68%
	Não 34%	Não 26%	Não 32%
Codificação formal do sujeito	Anáfora Zero 29,3%	Anáfora Zero 24%	Anáfora Zero 30,7%
	Anáfora Pronominal 16,7%	Anáfora Pronominal 13,3%	Anáfora Pronominal 14,7%
	Sintagma Nominal 52%	Sintagma Nominal 62%	Sintagma Nominal 51,3%
	Sintagma Verbal 1,3%	Sintagma Verbal 0,7%	Sintagma Verbal 3,3%
	Partícula Indeterminante 0,7%	Partícula Indeterminante 0%	Partícula Indeterminante 0%
Correferencialidade entre sujeitos	Sim 23,3%	Sim 20%	Sim 34,7%
	Não 76,7%	Não 80%	Não 65,3%

Itens verbais mais frequentes	Ser, estar, ter	Ser, estar, ter	Ser, ter, apresentar
Frequência <i>type</i>	79 itens verbais	76 itens verbais	85 itens verbais

Fonte: elaboração própria

De forma geral, as três microconstruções analisadas apresentam as seguintes tendências: expressam causa; ocorrem em posição posposta às orações matrizes; as informações trazidas por elas são não-supostas; o evento da hipotática e da principal apresentam simultaneidade temporal; os sujeitos não são correferentes e aparecem sob a forma de sintagmas nominais; e, por fim, os itens verbais que ocorrem nas orações hipotáticas são, em sua maioria, verbos de ligação (*ser, estar*).

Apesar disso, é passível de destaque que, em relação ao valor semântico apresentado por essas orações, aquelas introduzidas por “dado que” e “posto que” apresentaram casos de multifuncionalidade. As primeiras apresentaram 92% de suas ocorrências com o valor causal e 8% com o valor causal-condicional, enquanto as segundas apresentaram 91,3% de suas ocorrências com o valor causal, cerca de 4,7% com o valor causal condicional e 4% com o valor concessivo. A partir disso, cabe destacar que apenas as orações hipotáticas com “posto que” apresentaram o valor concessivo.

Isso difere essas duas microconstruções daquelas iniciadas por “visto que”, que apresentou apenas o valor causal, o que caracteriza 100% de suas ocorrências, corroborando para uma hipótese de que as orações hipotáticas introduzidas por “visto que” parecem ser mais cristalizadas na língua do que as demais construções.

No tocante ao arranjo linear, apesar das três apresentarem uma maior tendência à posposição, o número de ocorrências de antepostas com as orações introduzidas por “dado que” é significativamente maior quando comparado aos das outras, já que 38,7% de suas ocorrências aparecem antes de suas principais, contra 6,7% de orações introduzidas por “visto que” e 9,3% de orações iniciadas por “posto que”. Ademais, pode-se destacar também a ausência de orações intercaladas quando a construção é iniciada pelo conectivo “posto que”.

Além disso, hipotizávamos que o grau de novidade da informação veiculada pelas orações hipotáticas, bem como seu valor semântico, influenciam suas posições em relação às

suas matrizes. Sendo assim, esperávamos que houvesse uma correspondência entre valor semântico e arranjo linear, visto que orações condicionais, tradicionalmente, teriam tendência à anteposição, enquanto orações causais tenderiam à posposição. No tocante às relações concessivas, suas posições estariam intrinsecamente ligadas ao papel semântico-pragmático que elas desempenham: se a oração funcionasse como um adendo, ela tenderia a aparecer antes de sua oração principal, enquanto se trouxesse novas informações, se apresentaria posteriormente à sua oração principal.

A partir disso, pudemos constatar através de nossos resultados que duas das hipóteses foram corroboradas, visto que as orações causais apresentaram uma predileção à posição posposta, já que 92% das orações introduzidas por “visto que”, 60% das iniciadas por “dado que” e 94,1% das orações com “posto que” apareceram nesta posição e com este valor semântico.

Enquanto isso, o valor condicional (ou no caso desta pesquisa, causal-condicional) quando ocorrido com as orações iniciadas por “dado que”, apresentava uma tendência à anteposição, pois 66,7% das ocorrências de orações causais-condicionais se apresentaram antes de suas orações matrizes. Entretanto, o mesmo não foi observado com as orações introduzidas por “posto que”, em que, mesmo com o valor causal-condicional, as orações iniciadas por esse conectivo apresentaram uma predileção pela posposição, apresentando 57,2% de seus dados nesta posição.

Com relação às orações concessivas, como não foi realizado um estudo pragmático mais aprofundado, não categorizamos os papéis pragmáticos que essas orações desempenham, porém, ainda assim, os resultados não se mostraram produtivos, já que essas orações não apresentaram uma predileção de posição, porque 50% de suas ocorrências apareceram antes da oração principal e os outros 50% ocorreram após suas orações principais.

Passando ao fenômeno da pressuposição, apesar de as três microconstruções tenderem a demonstrar orações não-pressupostas, é passível de atenção observar que àquelas iniciadas por “dado que” apresentaram um maior número de orações pressupostas se comparadas às outras, ainda que a diferença percentual seja mínima. As orações iniciadas por esse conectivo apresentaram 21,3% de ocorrências de orações pragmaticamente pressupostas, contra 16,7% de com a microconstrução iniciada por “visto que” e 10,7% com as introduzidas por “posto que”.

Como apresentado algumas seções acima, nos baseamos em uma das hipóteses de Diessel (2015) que postula que orações adverbiais (hipotáticas) com informação pressuposta tendem a ocorrer na posição anteposta à sua oração principal, enquanto orações adverbiais não-pressupostas tendem à posposição.

Nossos resultados demonstraram que tanto as orações introduzidas por “visto que” tanto àquelas iniciadas por “posto que” não apresentaram diferenças, já que ambas, independente de as informações serem ou não pressupostas, apresentaram a preferência pela posição posposta em ambos os casos. No caso das pressupostas introduzidas por “visto que”, cerca de 96% de suas ocorrências ocorreram após suas orações matrizes, enquanto as pressupostas iniciadas por “posto que” apresentaram 87,5% de suas ocorrências também nesta posição. Em relação as não-pressupostas, 91,2% das orações introduzidas por “visto que” apareceram depois de suas orações matrizes, enquanto 91,1% das iniciadas por “posto que” também se apresentaram pospostas às suas orações principais.

Contudo, as orações introduzidas por “dado que” corroboraram com a hipótese de que haveria uma correspondência entre anteposição e pressuposição, já que 71,8% das orações hipotáticas pressupostas apareceram antepostas às suas principais, assim como corroboraram com a hipótese de que haveria uma correspondência entre não-pressuposição e posposição, já que as orações não-pressupostas iniciadas por esse conectivo apresentaram 66,1% de suas ocorrências na posição posposta.

Com relação aos elementos de integração analisados, pudemos observar que as orações iniciadas por “dado que” apresentaram o maior número de ocorrências que possuem simultaneidade temporal, apresentando 74% de suas orações hipotáticas apresentando o mesmo tempo que suas orações principais, contra 68% com as orações iniciadas por “posto que” e 66% das orações introduzidas por “visto que”. No tocante a codificação formal do sujeito, as orações iniciadas por “visto que” apresentaram, quando comparadas às demais, uma maior tendência ao aparecimento de anáforas pronominais (16,7%), enquanto as introduzidas por “posto que” apresentaram o maior número de anáforas zero (30,7%). Além disso, as orações iniciadas por “posto que” são as que apresentaram o maior número de sujeitos correferenciais às suas principais quando comparadas às outras duas microconstruções, já que em 34,7% de suas ocorrências o sujeito da oração hipotática é o mesmo da principal.

Ainda que as diferenças percentuais sejam mínimas, levando em conta os 3 fatores de integração analisados (simultaneidade temporal, codificação formal do sujeito e correferencialidade entre sujeitos), constatamos que as orações introduzidas por “posto que” parecem ser mais integradas sintática e pragmaticamente às suas orações principais devido à correferencialidade os sujeitos da hipotática e da principal e à codificação dos sujeitos das hipotáticas como anáforas zero, enquanto aquelas iniciadas por “dado que” apresentam apenas uma maior correspondência temporal de seus itens verbais com os da principal.

Em relação à análise da frequência *type* pudemos observar que as orações introduzidas por “posto que” possuem um maior nível de produtividade, já que apresentou 85 diferentes itens verbais. Entretanto, é importante destacar que, ignorando as interseções existentes entre as três microconstruções, percebe-se que as orações iniciadas por “dado que” apresentam o maior número de diferentes itens verbais quando comparado às demais, já que apresenta, por si, só 47 diferentes itens verbais, como demonstrado na Figura 4.

Já no tocante à frequência *token*, foi observado que os itens verbais mais frequentes tanto com as orações iniciadas por “visto que” quanto por “dado que” são *ser*, *estar* e *ter*. Enquanto com aquelas introduzidas por “posto que”, os três itens mais frequentes são *ser*, *ter* e *apresentar*. Sendo assim, de forma geral, o maior número de ocorrências ocorreu com o verbo *ser*, tendo maior incidência nas três microconstruções estudadas.

A partir dessas considerações, é perceptível que, embora as orações hipotáticas introduzidas por esses três conectivos tenham comportamentos e se insiram em contextos semelhantes, seus usos não são completamente iguais, o que corrobora com o Princípio da Não-Sinonímia (GOLDBERG, 1995), que guia esta pesquisa: não há formas diferentes que evidenciem significados iguais, portanto, se existem mudanças na forma, haverá também, em algum grau, uma função comunicativa diferente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTONIO, J.D. **Orações hipotáticas adverbiais e mudança de tópico em narrativas orais e em narrativas escritas do português**. Juiz de Fora, MG: Rev. Est. ling. – VEREDAS. 2004. v.8, n.1 e n.2, p.41-52.
- BARLOW, M., KEMMER, S. (Org.). **Usage based models of language**. Stanford, California: CSLI Publications, 2000.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2009.
- BYBEE, J. **Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency**. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. (org.). *A handbook of historical linguistics*. Malden, MA: Blackwell Publishing, 2003.
- BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. **Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro, Mauad-X, 2013.
- CEZARIO, M. M. C.; SANTOS SILVA, T.; SANTOS, M. **Formação da Construção [XQUE]CONNECT no Português**. Revista E-escrita, v. 6, p. 229, 2015.
- CEZARIO, M. M. C.; SANTOS SILVA, T.; SANT'ANNA, J. **O domínio da concessão: uma análise baseada nos usos de construções oracionais com mesmo que, ainda que e se bem que**. Belo Horizonte: Revista de Estudos da Linguagem (UFMG), 2021.
- CHAFE, W. **How people use adverbial clauses**. Annual Meeting of the Berkeley Linguistic Society, v. 10, p. 437-449, 1984.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Ed. Lexikon, 2008.
- DIESSEL, 2001. **The ordering distribution of main and adverbial clauses: A typological study**. In: *Language*, Volume 77, nº 3. Nova Iorque: Linguistic Society of America, p. 433-455, 2001.
- DIESSEL, H. **Adverbial subordination**. In: *Bloomsbury Companion to Syntax*. Londres: Bloomsbury Academic, p. 341-353, 2013.
- DIESSEL, H. **Usage-based construction grammar**. In: DABROWSKA, E.; DIVJAK, D. (eds.). *Handbook of cognitive linguistics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2015. p. 295-321.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. **Pressupostos teóricos fundamentais**. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (orgs.). *Linguística Funcional: teoria e prática*, 1 ed., São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p. 21-47.



- GIVÓN, T. **On Understanding Grammar**. Nova Iorque: Academic Press, 1979.
- GIVÓN, T. **Syntax: a functional-typological introduction**. Amsterdã; Filadélfia: John Benjamins Publishing, v. 2, 1990.
- GIVÓN, T. **Functionalism and grammar**. Amsterdã; Filadélfia: John Benjamins Publishing, 1995.
- GOLDBERG, A. E. **A construction grammar approach to argument structure**. Chicago/Londres: The University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, A. E. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. Baltimore: E. Arnold, 1985
- HASPELMATH, M. **The converb as a cross-linguistically valid category**. In: M. Haspelmath & E. König (eds.) *Converbs in cross-linguistic perspective*. Berlim: Mouton de Gruyter, 1995, 1-55.
- HILPERT, M. **Construction Grammar and its Application to English**. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2014.
- HOPPER, P.; TRAUOGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- LAMBRECHT, K. **Information structure and sentence form: Topic, focus, and the mental representation of discourse referents**. In: *Cambridge Studies in Linguistics 71*. Cambridge: Cambridge University Press. 1994.
- MARTELOTTA, M. E. **Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Cortez, 2011.
- NEVES, M. H. de M. **Gramática de Usos do Português**. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.
- PINHEIRO, D. **Um modelo gramatical para a linguística funcional-cognitiva: da Gramática de Construções para a Gramática de Construções Baseada no Uso**. In: ALVARO, P. T.; FERRARI, L. (Org.). *Linguística Cognitiva: da linguagem aos bastidores da mente*. Campos de Goytacazes: Brasil Multicultural, 2016, p. 20-41.
- PRINCE, H. **Toward a taxonomy of give-new information**. In: COLE, P. (ed.) *Radical Pragmatics*. E.U.A., Nova Iorque: Academic Press, 1981, p. 223-255.
- PRINCE, E.F. **The ZPG letter: subjects, definiteness and information-status**. In: MANN, W.C.; THOMPSON, S.A. *Discourse description*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1992. p. 295-325.
- ROCHA LIMA, C. H. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1985.

RODRIGUES, V. V. **Uso(s) de conectores: uma abordagem funcional-discursiva.** Diadorim, Rio de Janeiro, vol. 20 – Especial, p. 535-560, 2018.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. **Construcionalization and Constructional Changes.** Oxford: Oxford University Press, 2013.

TRAUGOTT, E. **Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English.** In: ECKARDT, R.; JÄGER G.; VEENSTRA, T. (eds.). *Variation, Selection, Development-Probing the Evolutionary Model of Language Change.* Berlim, Nova Iorque: Mouton de Gruyter, 2008, p. 219-250.